



PRIMAVERA VERÃO já nas lojas

AS MELHORES MARCAS, AS
MELHORES OPÇÕES DE COMPRAS

VESTUÁRIO FEMININO

ALESSANDRA COLOMBO
AMMALIS
CRIS RIBEIRO
EVA BELLA
DONA LOLLA
GREGORY
JOSEFINA
LE LIS BLANC DELUX
MADAME CHICA
MARA PINHEL
MK
PROGRAM
RAUKER
TAGARELA
TRAMA
VIK
VIC LE VIC
ACESSÓRIOS PARA ESPORTES
1000TINHO SPORTS
AUTHENTIC FEET
TENNIS ONE
ACESSÓRIOS PARA VESTUÁRIO
INTERDOUROS
INOVATHI
JOIA FLOR
LOLITA
MINI STORE
MORANA ACESSÓRIOS
PIUKA
SANTA MARINELLA
STYLLO'S
VICTOR HUGO
AGÊNCIA DE VIAGENS
AZUL
CVC MUNDO
TAM VIAGENS

ALIMENTOS

ESPECIAIS
DNA EMPÓRIO
BRINQUEDOS
RI-HAPPY BRINQUEDOS
BALÃO MÁGICO BRINQUEDOS
CABELEIREIRO
CIA DE BELEZA
CALÇADOS ESPORTIVOS (TÊNIS)
CROCS
WORLD TENNIS
1000TINHO SPORTS
AUTHENTIC FEET
CALÇADOS FEMININOS
ANACAPRI
ANDATTI
AREZZO
BIS
CAPODARTE
CARMEN STEFFENS
HAPPY NEW SHOES
LAURA PRADO
LESSO
MELISSA
SANTA LOLLA
USAFLEX
CALÇADOS-GERAL
BAETA
HAVAÍANAS
OSCAR CALÇADOS
JULIA LORENZATTO
LOJAS MILANO
MR. CAT
CALÇADOS INFANTIS
MINI MELISSA

BIBI

MAGÚ KIDS & TEENS
HOBBY'S CALÇADOS
CALÇADOS MASCULINOS
DEMOCRATA
HE SHOES CONCEPT
CAMA, MESA E BANHO
FIRST CLASS
MMARTAN
CELULARES E TELEFONIA
CASE COMPANY
CUTE CASE
CLARO
LOFT
MOTOROLA (QUIOSQUE)
TIM
VIVO
SAMSUNG
CINEMAS
CINE 1 E 2 MULTIPLEX
CINE 3 E 4 MULTIPLEX
CINE 5 MULTIPLEX
CINE 6 E 7 SALA VIP
CHAVEIRO
TECH SERVICE
COLCHÕES
COLCHÕES ORTOBOM
DEPARTAMENTO
C&A
RENNER
DEPILAÇÃO
ESPAÇO LASER
DIVERSÕES | PARQUES |
VIDEOGAMES
GAME PLAY
WORLD GAMES

ELETRDOMÉSTICOS

POLISHOP
PONTO FRIO
FARMÁCIA E DROGARIA
HOMEOPATIA RIO PRETO
DROGARIA CARREFOUR
FARMAIS
FOTO REVELAÇÃO
KODAK EXPRESS
FRALDÁRIO
BENSAÚDE FRALDÁRIO
HIPERMERCADO
CARREFOUR
HOME CENTER
C&C - CASA E CONSTRUÇÃO
MULTICOISAS
INFORMÁTICA
IPLACE MOBILE
JOIAS E RELÓGIOS
CARRAZONE JOALHEIROS
CARRAZONE ALL TIME
CARMELLI
COSTANTINI
OMY
RELICÁRIO
VIVARA
LINGERIES E MEIAS
BAZZAR ÍNTIMO
VALISÈRE
IT MAN
JOGÉ
LUA SOL LINGERIE
LUPO
PUKET
SCALA
LIVRARIA/REVISTARIA
LIVRARIA SARAIVA
EMPÓRIO CULTURAL

LOTÉRIA

LOTERIAS - CENTRAL DE
LOTERIAS MENIS
MODA ESPORTIVA
GINÁSTICA E PRAIA
ACQUA IT
CIA. MARÍTIMA
CORPO ATLETA
TIMBORÉ
NEW SUMMER
ÓTICA
CHILLI BEANS
ÓTICA NACIONAL
SUNGLASS HUT
VICTORIA & CO ÓPTICA
ÓTICA DINIZ
ÓTICA SANTA LUZIA
ÓTICAS CAROL
ÓTICAS RIO PRETO
TRITON
PAPELARIA
EMPÓRIO CULTURAL
PERFUMARIAS E
COSMÉTICOS
ADDCS
ÁGUA DE CHEIRO
A PERFUMISTA
CONTÉM 1G
DANI FERNANDES EMPÓRIO
L'Occitane AU BRÉSIL
O BOTICÁRIO
QUEM DISSE, BERENICE?
PETSHOP
MY DOG PET SHOP
PRES-CURIOSIDADES
E GADGETS
IMAGINARIUM
SANTA PRESENTES

ROUPAS E ACESSÓRIOS

INDIANOS
AAKARSHAN
SERVIÇOS
BANCO SANTANDER
BANCO UNIBANCO
ARRANJOS EXPRESS
CONFIDENCE CÂMBIO E
TRAVELEX
CORREIOS E BANCO POSTAL
OKAY
TABACARIA
EMPORIUM DO TABACO
ESTORIL
VESTUÁRIO INFANTIL
BROOKSFIELD JR.
LILICA&TIGOR
MILON
HERING KIDS
MINIPETIZ
ROUPARIA BOYS & GIRLS
SELMA AMARAL LINHA BABY
VESTUÁRIO
MASCULINO
ADJI MAN
BROOKSFIELD
CIA DO TERNO
ELE GRANDE
ESTIVANELLI
MR. KITSCH
NOIR, LEJIS
REMOLLI
RESERVA
TNG
VIA ANDREA
VIA VENETO
VR

VESTUÁRIO

MODA JOVEM
SANTA FÉ
FOREST STORE
BASE
CACAU BRAZIL
CALVIN KLEIN
CAMARIM SOSSO
COLCCI
COMPANHIA S/A
DRILL
DROPSIDE
EQUUS
GOLFE STORE
HERING
ICON
LEVI'S
PARSEK
SURF HD STORE

ESTACIONAMENTO VIP
LONDON VALET PARK

2 PRAÇAS DE ALIMENTAÇÃO COM SABORES ESPETACULARES

MAIS DE 45 LOJAS

ALIMENTAÇÃO

RESTAURANTES
SERVIÇOS
H2 RESTAURANTE
H2 CHOPP
KIBERAMA
DIVINO FOGÃO
MOLECAGGIO PIZZAS
BUSHIDO
CROASONHO
AMÉLIA GRILL
VILLA ROXA AÇAI
FAST FOOD
BURGER KING
MCDONALD'S

HAVANNA

LUG'S
HAMBURGUERIA LE PINGUÊ
JIN JIN FAST FOOD
PIZZA HUT
CASA BAUDUCCO
SUBWAY
DIPZ
GRILLETTO
MONTANA EXPRESS
ROASTED POTATO
SPAGHETTO PASTA E GRILL
SANSHI
SUÇO BAGAÇO

CAFÉ

STARBUCKS
CASA DO PÃO DE QUEIJO
CAFÉ DO PONTO
GRÃO ESPRESSO CAFETERIA
CAFÉ DO CARREFOUR
CAFETERIA EMPÓRIO CULTURAL
CONFEITARIA
BRIGADELLA
IAIÁ CREPERIA E CHURRETERIA
BOMBONIÈRE
KOPENHAGEN
CACAU SHOW
CHOCOLATES BRASIL CACAU

NUTTY UP

FINI

SORVETES

BACIO DI LATTE
MCDONALD'S (QUIOSQUE)
ICE BERRY
ICE CREAMY
AÇAI DA PRAIA (QUIOSQUE)
BOB'S (QUIOSQUE)
CHIQUNHO SORVETES (QUIOSQUE)



©2018 Riopreto Shopping

Kapiiuuara

EDIÇÃO COMEMORATIVA



ACADÊMICOS
ESBANJAM CULTURA
NAS PÁGINAS DESTA
EDIÇÃO ESPECIAL

ACADEMIA
CONVIDA
PARA PROSA,
POESIA E ARTE

Aonde você quer chegar?

O idioma é uma barreira para você?
A CCLi Consultoria Linguística lhe ajuda a alcançar seu objetivo.

Cursos de idiomas

Cursos Corporativos

Consultoria para viagens

Exames de proficiência



Siga-nos

@ccliconsultorialinguistica
www.cclinet.com.br

Contatos

ccli@cclinet.com.br
17 99668 5765
17 3211 6777

180 dias de festa

entre as Artes e a Literatura. No encerramento do curso, a satisfação geral concentrou-se na fala da coordenadora de Língua Portuguesa da referida Diretoria, Professora Sandra Tarifa Rodrigues.

Abril marcou atividades importantes da ARLEC: além dos encontros para o curso sobre livros do vestibular veio de São Paulo, onde reside, o acadêmico Antônio Manoel dos Santos Silva para o lançamento poético em nossa cidade de seu livro A quarta palavra.

Em maio, ocorreu um lançamento emocionante através de uma homenagem póstuma prestada por Vera, a companheira dos últimos tempos do querido professor Alfredo Leme de Coelho Carvalho, quando tivemos a oportunidade de apreciar a nova edição de O simbolismo animal na obra do Padre Manuel Bernardes.

Junho nos trouxe a feliz visita do acadêmico correspondente em Salvador da Bahia, Lamartine de Andrade Lima que discorreu sobre o tema Napoleão e a Egiptologia, palestra que encantou a todos que puderam apreciar não apenas o rico conteúdo do tema dominado pelo palestrante como admirar sua oratória ímpar. Para finalizar o mês, o acadêmico Jayme Signorini nos trouxe um personagem forte, Belfort, que desvenda crimes (Belfort acima da lei).

O mês de julho preparou para os frequentadores do Riopreto Shopping Center o lançamento mensal de livro que ficou a cargo do acadêmico Wilson Daher, com seu emocionante Em memória do irmão distante.

Para o segundo semestre, as atividades previstas começaram com o Concerto de Aniversário, ocasião em que o

grupo italiano "I Cameristi Veneti" se apresentou em nossa cidade com patrocínio do Instituto Italiano de Cultura de São Paulo. O grupo estrangeiro foi reforçado pelos músicos da Orquestra Sinfônica de São José do Rio Preto, regida pelo Maestro Gilmar de Assis e contou com a participação especial da renomada pianista rio-pretense Araceli Chacon. O concerto foi realizado no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto, com entrada franca e plateia lotada. Um jantar festejou em alto estilo a data do aniversário da ARLEC.

As atividades do décimo aniversário continuarão por todo o semestre sendo divulgadas a seu tempo por meio da imprensa escrita e falada. Esperamos que a comunidade participe, pois é para ela que os acadêmicos se esmeram em apresentar sua contribuição cultural.



PONTO FINAL

CONSIDERAÇÕES DA PRESIDENTE DA ACADEMIA ROSALIE GALLO Y SANCHES

O aniversário de dez anos de nossa ARLEC começou em janeiro, com um jantar de confraternização. O som da banda-jazz envolveu todos os presentes trazendo a cada um a lembrança de bons tempos. A impecável organização foi liderada pelos secretários Maria Helena Curti e Alberto Gabriel Bianchi, apoiados pelo diretor cultural Araguaí Garcia e pelo tesoureiro Waldner Lui, que se esmeraram na decoração, melhorando com primor o local do Harmonia Tênis Club. Na ocasião foi lançada a Kapiiuara 3, a revista semestral da ARLEC, cuja capa mostra a Basílica da Boa Vista em aquarela de Maria Helena Curti.

Fevereiro nos trouxe a estreia da parceria com o Riopreto Shopping Center, onde começaram as apresentações e lançamentos mensais de livros: no dia 24, o acadêmico Paulo César Naoum pôde relançar os livros Em nome do DNA e Biologia Médica do Câncer Humano, oferecidos gratuitamente aos presentes que puderam degustar um bom café servido com bombons.

O mês de março começou a série “Palestrantes de fora”, com uma palestra proferida pela presidente da REBRA –

Rede das Escritoras Brasileiras Joyce Cavalcante, que falou sobre A coragem de Criar. Este foi o início do ciclo de palestras com convidados não acadêmicos no auditório da ACT – Academia de Ciência e Tecnologia, gentilmente cedida pelo acadêmico Paulo César Naoum para esse projeto.

Ainda em março, tivemos o concorrido lançamento do livro O paciente de Jorlene, da acadêmica Rosalie Gallo y Sanches. Finalizando o mês e iniciando outro projeto de aniversário, a ARLEC começou, no dia 24, o curso “A leitura do texto literário”, projeto que visa a analisar livros exigidos no vestibular. O curso, em parceria com a Diretoria Regional de Ensino de São José do Rio Preto, congregou professores de Ensino Médio para discutir e analisar os livros constados na lista da UNESP. Em quatro meses, passaram pelo curso os acadêmicos Sérgio Vicente Motta (coordenador do projeto), Hygia Therezinha Calmon Ferreira, Antônio Manoel dos Santos Silva, Aguinaldo Gonçalves, Nídia Puig Vacare, Rosalie Gallo y Sanches e Romildo Sant’Anna, a quem coube o encerramento do projeto com uma conferência sobre a interação

EDITORIAL

Recado de Primavera

Nessa edição comemorativa, saúdo a primavera que chegou dias atrás, vigorosa como de costume, revolucionando climas, ares, terras, canteiros e brotos. Por isso, lembrei do delicioso ‘Recado de Primavera’, de Rubem Braga para Vinicius, que ofereço aos amigos acadêmicos e amigos leitores.

Meu caro Vinicius de Moraes,

Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: a Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação.

Seu nome virou placa de rua, e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaías. Parece que a moda voltou nesta Primavera, acho que você aprovaria.

O mar anda virado, houve uma Lestada muito forte, depois veio um Sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da Ilha das Palmas. São violências primaveris.

O sinal mais humilde da chegada da Primavera, vi aqui junto de minha varanda. Um tico-tico com uma folhinha seca de capim no bico. Ele está fazendo ninho numa touceira de samambaia, debaixo da pitangueira.

Pouco depois vi que se aproximava, muito matreiro, um pássaro-preto, desses que chamam de chopim. Não trazia nada no bico, vinha apenas fiscalizar, saber se o outro já havia arrumado o ninho para ele pôr seus ovos.

Isto é uma história tão antiga que parece que só podia acontecer lá no fundo da roça, talvez no tempo do Império. Pois está acontecendo aqui em Ipanema, em minha casa, poeta. Acontecendo como a Primavera.

Estive em Blumenau, onde há moitas de azaleias e manacás em flor, e em cada mocinha loira, uma esperança de Vera Fischer. Agora vou ao Maranhão, reino de Ferreira Gullar, cuja poesia você tanto amava, e que fez 50 anos.

O tempo vai passando, poeta. Chega a Primavera nesta Ipanema, toda cheia de sua música e de seus versos. Eu ainda vou ficando um pouco por aqui, a vigiar, em seu nome, as ondas, os tico-ticos e as moças em flor.

Adeus.

Rubem Braga.

CECÍLIA DEMIAN



FOTO OFICIAL DOS
ACADÊMICOS
EM NOITE DE GALA

ARLEQUINA



Xuiziu/Mott 18

expediente

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura - ARLEC
Praça Jornalista Leonardo Gomes, 01 - 1º andar - centro
15061-010 - São José do Rio Preto/SP
contato: arlecriopreto@gmail.com

Jornalista responsável: Deodoro Moreira

Gestão atual:

Presidente: Rosalie Gallo y Sanches

1º Vice-Presidente: José Luiz Balthazar Jacob

2º Vice-Presidente: Wilson Daher

1º Secretário: Alberto Gabriel Bianchi

2º Tesoureiro: Maria Helena Curti

1º Tesoureiro: Jayme Signorini

2º Tesoureiro: Waldner Lui

Diretor Cultural: Araguaí Garcia

Diretor de Relações Públicas: Cecília Demian

Diretor de Patrimônio: Lelé Arantes

Conselho Fiscal:

Nilce Lodi

Antonio Florido

João Roberto Saes

RELAÇÃO DE INTEGRANTES DA ACADEMIA RIO-PRETENSE DE LETRAS E CULTURA

cadeiras e ocupantes

- | | |
|---|---|
| 1 Romildo Sant'Anna | 23 Jayme Signorini |
| 2 (vaga) Alfredo L. C. Carvalho | 24 Nilce Aparecida Lodi Rizzini |
| 3 Agostinho Brandi | 25 Wilson Romano Calil |
| 4 Araguaí Garcia | 26 Adib Abdo Muanis (Patrono: Roberto Farath) |
| 5 Samir Felício Barcha | 27 Antonio Manoel Santos Silva |
| 6 Cecília Demian | 28 José Luiz Balthazar Jacob |
| 7 Salvatore D'Onofrio | 29 Rosalie Gallo y Sanches |
| 8 Lelé Arantes | 30 Humberto Sinibaldi Netto |
| 9 Wilson Daher | 31 Hygia Therezinha Calmon Ferreira |
| 10 Maria Helena Curti | 32 Lézio Junior |
| 11 Domingo Marcolino Braile | 33 Paulo César Naoum |
| 12 Jocelino Soares | 34 Vera Márcia Paráboli Milanese |
| 13 Zêqui Elias | 35 (vaga) Carlos Daghljan |
| 14 Norma Vilar (Patrono: Antonio do Nascimento Portela) | 36 Nídia Puig Vacare (Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazzone) |
| 15 Arif Cais (Patrono: Edson Vicente Baffi) | 37 (vaga) |
| 16 Luiz Dino Vizotto | 38 Paulo di Tarso |
| 17 Dulce Maria Pereira (Patrono: José Luís C. Casagrande) | 39 (vaga) |
| 18 Marcos Siscar | 40 (vaga) |
| 19 (vaga) Alexandre Caballero | 41 (vaga) Antonio Carlos del Nero |
| 20 Aguinaldo Gonçalves (Patrono: Guillermo de la Cruz Coronado) | 42 Antonio Florido |
| 21 Sérgio Vicente Motta (Patrono: Ferdinando Giovinnazzo) | 43 Paulo Coelho Saraiva |
| 22 Waldner Lui | 44 Alberto Gabriel Bianchi |
| | 45 João Roberto Saes |

Membros correspondentes ativos:

Lamartine de Andrade Lima (Salvador, Bahia)
Pasquale Amato (Reggio Calabria, Itália)



Como desde sua fundação, foi clicada por Jorge Maluf, Presidente da AFOCIRP - Associação dos Fotógrafos e Cinegrafistas de Rio Preto. Estreia do fardão e recebimento da medalha de membro da ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (em detalhe).

Alguns Acadêmicos não puderam estar presentes, daí não estar completa a equipe que trabalha unida e intensamente em prol da cultura.

Uma noite inesquecível de boa música e fortes emoções!

ÍNDICE

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

Viagem ao amanhã. Edvaldo Jacomelli5

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

Poemas de Albérgio Maia de Farias.....8

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

Obras de Victor Fogaça.....11

TEXTOS DOS ACADÊMICOS

Cultura e Sabedoria. José Luiz Balthazar Jacob.....15

Virou amor platônico. Alberto Gabriel Bianchi.....16

Sonho de consumo das pulgas é comprar um cão. Waldner Lui.....19

Brasília translumbante. Jayme Signorini.....22

10 ANOS DE ARLEC. Rosalie Gallo y Sanches.....25

O buracão. Wilson Daher.....28

Reforma política. Sérgio Motta.....33

Poemas. Nidia Puig.....34

Empreendedorismo e fé. José Luiz Balthazar Jacob.....36

Itália. País plural. Pasquale Amato.....40

(texto original em italiano, traduzido por Rosalie Gallo y Sanches)

Escritor do século XIX escreve sobre São José do Rio Preto.

Nilce Aparecida Lodi.....42

Relação de integrantes da Academia.....46

Expediente e tira de Sérgio Motta.....47

Ponto Final. Rosalie Gallo y Sanches.....48

PROJETO GRÁFICO

Victor Fogaça

commigo aquelle amigo que é cirurgião (o tal sujeito que nos recebera tão mal), mas até agora não me sinto melhor”.

“Ah! Observei,” encarando com desprezo e altivez o curandeiro (aliás meu colega de ocasião), foi o senhor que se mostrou tão desalmado para conosco? ... Tem muita falta de caridade!”

O interpelado resmungou uma desculpa que eu não quis ouvir. E, enquanto se preparava o jantar, puz-me a examinar o meu doente, que estava com violentissima bronchite e grande retenção de urinas, o que alias, além de patente, foi-me por elle explicado prolixamente. Lembrei-me de lhe administrar qualquer xaropada, mas a tal história de urinas me atrapalhava seriamente.

Não queria, porém, dar o braço a torcer e, quando nos communicaram, quasi à meia noute, o jantar, eu já fizera beber o velho Bernardino um bule de infusão de folhas de velame do campo, cujas propriedades são bem conhecidas, além de lhe dar grande banho morno.

O effeito foi tão prompto, que eu mesmo cresci aos proprios olhos. Por ahi se faça idéia da alegria e admiração do meu cliente. “Deus Nosso Senhor, dizia elle com fervor, o guiou até cá, fóra de horas, para me salvar! Louvada Maria Santissima!”

Na verdade, foi bem ganho aquelle jantar, de que o antipathizado curandeiro participou, apesar dos nossos modos e esgares de indignação e desprezo, e todo encolhido no fim da mesa, o que o impediu de comer como um abutre os restos que lhe fomos deixando.

Forte bruto! Acabada a refeição que constou de duas e gordas gallinhas, lombo de porco frio, ovos, hervas, farinha e rapadura, voltei a tratar do enfermo, que encontrei já outro, e prompto para tomar chumbo derretido dado por minha mão.

Chamei uma das raparigas e perguntei-lhe se sabia fazer xaropada de quingombô. Respondeu-me que nunca ouvira falar em tal, mas troquei o nome de xaropada pelo mais corriqueiro de lambedor e afinal dei minhas instruções.

Prompto o lambedor, uma colher de sopa cheia, de hora, mas com immensa regularidade, relógio em punho. Qualquer alteração podia ser perigosa, observei com charlatanismo. E fui deitar-me, que estava cahindo de sonno. Era uma hora da madru-

gada. Que bello sonno! Só acordei no dia seguinte ás 10 horas da manhã e augmentou-me a satisfação, quando da boca do velho soube que elle dormira bem socegado e sem mais arrancos de tosse um tempão, na sua frase. Tambem queria por força reter-me; mas, depois de bem almoçado, deixei a casa por volta do meio dia”.

Dous mezes depois da minha chegada ao Rio de Janeiro tive noticia pelo Jornal do Commercio que o velho Bernardino de Seixas morrera. Decerto os medicamentos que lhe fiz engulir não concorreram para o funesto resultado”.

No dia 24 de julho, Taunay chegou a Araraquara, passou por São João do Rio Claro, São Carlos do Pinhal e finalmente, no dia 28 em Campinas “fechando alli o inmenso circulo que acabava de percorrer, mais de seiscentas e sessenta leguas e leguas de tres mil braças, as boas leguas brasileiras com que os geographos e viajantes se acomodan”.

“Ahi em Campinas deixei de viajar a cavallo e tomei os horrorosos trollys do meu antigo conhecido José Case, com hotel então em Jundiahy, até onde chegava a estrada de ferro dos ingleses e por isso a desfructar regalias excepcionaes de actividade comercial e vertiginoso progresso”.

“E á medida que eu me aproximava de Santos e do mar, mais augmentava minha impaciencia de chegar. Tambem apenas achei telegrapho, usei delle, dando concisamente parte ao Governo da minha presença em Jundiahy. Tres dias depois embarcaria com destino ao Rio de Janeiro”.

O testemunho do Visconde de Taunay sobre Rio Preto e região: um certo cuidado deve ser tomado sobre suas descrições, que às vezes são fruto do seu modo de ver, com um foco nos contextos sociais e economicos da época.

Ele relata a realidade de fora e constrói imagens fortes dos fatos vividos. Usa sua descrição com o objetivo de informar. É possível extrair delas inúmeras informações e impressões.

Os registros das experiências por ele vividas contribuem para pensar a forma como se construíram as imagens do interior paulista. Podemos concluir que o estudo dos relatos de viagem de Taunay constitui fonte histórica, em especial, da cidade de São José do Rio Preto. ■

nossa viagem, conservara-se estável e seco, mudou; toldou-se o céu e espessas nuvens de nimbus anunciaram-nos próximas e abundantes chuvas; com efeito, quando nos achávamos no Salvador, a um quarto de légua do Jacintho, começou a chover, logo depois a chover e debaixo de pancada vigorosa chegamos, molhados até os ossos e famintos, ao arraial de São José do Rio Preto, duas léguas e um quarto adiante. A chuva desde então não cessou e por todos os dias seguintes sobremaneira nos incomodou, por isso que de novo penetráramos em estrada aberta na mata, onde os ramos pendentes e carregados de gotejantes pingos nos ensopavam a roupa, atrasando-nos desagradavelmente a marcha. Pousamos, por causa da grande tormenta, na única casa do arraial, coberta de telha, pertencente ao Sr. João Bernardino de Seixas, inteligente paulista, que descende de boa família e goza de muito conceito em toda aquela redondeza. A povoação consta de meia dúzia de palhoças abandonadas, na ocasião do recrutamento, por todos os habitantes que, com exceção do subdelegado, que era o próprio recrutador, haviam fugido para as matas e pontos em que não se tornasse possível a exigência do serviço das armas. Há uma igrejinha em construção, e cremos que por muitos anos fique nesse estado, quando não se arruine totalmente.

Previsões pessimistas do nobre visitante! Ele não tinha preocupações com o vilarejo, mas não deixou de registrá-lo. O foco principal é o regresso com informações militares sobre a retirada da Laguna. Não se descuida porém com a experiência de uma viagem dentro de um acontecimento histórico em um lugar inexplorado, que é o sertão paulista.

No dia 19, logo pela manhã, ainda sombria e chuvosa, escreve:

"Cavalgando, em sellins molhados, metemo-nos pela mata, cujas árvores ao apartarmos os ramos nos salpicavam d'água quando nos não açoitavam o rosto levando-nos o chapéu." (...)

Percorreram três e meia léguas e passaram pela Tapera: "casa outrora abandonada, hoje habitada" e penetraram logo "na mata que já se tornava sombria com o aproximar da tarde. A noite, nela nos apanhou, e, tão escura ficou que, a medo e fustigado dos muitos ramos que não podí-

mos apartar, íamos caminhando guiados pelos animais, a quem havíamos entregue as rédeas".

Taunay conta em "Visões do Sertão" o seu encontro com Bernardino de Seixas, e como se fez passar por médico:

"Numa ocasião, já passando o arraial de São José do Rio Preto por causa do recrutamento – punha-se então em prática o dito que circulava em todo o Brasil: Deus é grande, mas o matto é maior – chegámos molhados até os ossos à porta de um casarão, então hermeticamente fechado, pois havia de ser perto das 10 horas da noite e de noute escuríssima.

Bati com força mais de quatro vezes sem resultado. Afinal, à Quinta intimação uma voz de homem perguntou de dentro: "Quem é?" "Somos viajantes, respondi, e pedimos pousada". A porta não se abriu. Tornei a bater ahi com verdadeira imposição. A mesma voz fez-se ouvir. "Ocupem o rancho que fica defronte. É para onde vão os viageiros". "Mas o senhor é o dono da casa?- perguntei. Abra já, seja ou não seja. Somos oficiais do exercito e eu sou doutor. Depois de certa demora, abriu-se o postigo superior, da porta e appareceu-nos um homem bastante mal encarado. "O dono da casa é o sr. Bernardino de Seixas", disse-nos elle levantando uma vela e está de cama.

"Se está doente, melhor, eu sou doutor e vou medica-lo. Abra". Estava conquistando a praça. E, entrando fomos, sem mais, tirando os ponches que pingavam d'agua e deixavam logo no soalho largas poças.

"Que gente é essa?" perguntou uma voz fraca e de velho, ao passo que varias mulheres nos encaravam assombradas. "O senhor está de cama naquelle quarto", apontou-me uma mulatinha.

"Empurrei a porta indicada e vi diante de mim um homem de bastante idade, todo branco, cabellos e barbas, e deitado num leito de lençoes bem alvos.

"O sr. Bernardino de Seixas?"

"Seu criado".

"Venho de Matto-Grosso", expliquei-lhe, "estive com o seu filho no arraial de São José do Rio Preto e chegamos varados de fome. Peço nos mande dar jantar".

"A esta hora?" gemeu o velho. Eu me acho tão doente".

"Pois prometto allivial-o das suas dores".

"Devéras?" exclamou elle. "Anda ás voltas

ACADEMIA CONVIDA
PARA PROSA

VIAGEM AO AMANHÃ

EDVALDO JACOMELLI



Viajei ao amanhã.

É assustador enxergar o hoje estando no futuro.

Angustia saber o drama que vivemos de observar a ação errada que estamos prestes a executar. Voltei correndo para o hoje. O interessante nessa confusão é que não consigo mais enxergar o erro de hoje que vi no amanhã. Passei a visualizar as possibilidades da vida. Pessoas passam ao redor de nosso cotidiano somatizando frases, acontecimentos, situações, momentos e decepções.

Nossa memória vai deletando coisas importantes durante o espaço do tempo. Rostos conhecidos se perdem na espuma da distância, pessoas que conhecemos se mudaram, morreram, casaram, fugiram do nosso instantâneo.

Essa situação toda não significa que a convivência um dia deixou de ser real. Ficou incorporada em nossa capacidade de apreensão dos bons momentos, até mesmo na retenção involuntária dos momentos ruins.

A certa altura de nossa existência no planeta Terra começamos a vasculhar a mente, em suas reentrâncias mais profundas, em busca do filme de nossa vida. Incorporamos no mosaico dessa tela mental a primeira professora, tentamos decifrar o rosto de alguém que não conseguimos mais a lembrança, pescamos as frases que consignamos como importantes.

Resgatamos as ações de pessoas que nos ajudaram com palavras, no momento em que a dor da alma foi de um corte cirúrgico de precisão milimétrica. O sorriso que um dia recebemos da pessoa que achamos não ser simpática. O lance de um jogo emocionante que as retinas cravaram na medula.

A maravilha do primeiro beijo. A descoberta das primeiras letras, das primeiras contas efetuadas, do filme que esculpiu em nós a razão da piedade e do amor ao próximo.

Ainda bem que a humanidade possui a ferramenta do amadurecimento na vida. Podemos deixar fermentar o perdão em nossas entranhas para que cresça o pão do amor. Conseguimos escavar o arrependimento em busca do tesouro de novas ações mais preciosas.

Possuímos o dom de ouvir o que nos dizem os mais experientes. Sempre chega até nós a essência humana, em forma de aprendizado cósmico, dissolvendo as pedras do caminho em joias da sapiência. Existe a possibilidade de podermos escolher um bom caminho, apesar de árduo; sem que nos percamos na sedução duvidosa da trilha mais fácil. Um abano de mão, ao longe, consegue acender nosso apagão momentâneo. Ressuscitamos da inércia quando pessoas sorriem devidamente suficientes em seus cotidianos, agradecidas em suas necessidades.

A flor eclode e nossa esperança se ilumina em sua beleza. Depois de um determinado tempo pessoas se reencontram como se estivessem viajando no futuro. Uns se olham e não se reconhecem. Depois de alguns comentários ressurgem a célula da amizade, nos confins da memória que se renova a cada segundo, repleta de novos momentos.

árvores colossais e a ouvir o cantar de inúmeros e formosos voadores, se os dias nos houvessem sido favoráveis e de claro sol! Infelizmente, sem cessar, nos perseguiu inclemente chuva, de modo que nos víamos molhados, desde o começo da jornada, da cabeça aos pés, tornando-se a tormenta em certos dias bastante incomoda, quase perigosa, naquela descontínua floresta em que éramos açoutados por grandes galhos e ameaçados por árvores que de repente ruíam ao chão com temeroso fracasso. Apesar de tudo, porém, havia muito de adorável naquela jornada.

Tão feliz eu sentia, que vinha quase sempre cantando alto trechos de operas e musicas, minhas velhas conhecidas, o que me valeu um susto não pequeno. Ia sozinho e muito despreocupado, quando de repente, saíu de dentro da mata um homem que me bradou: "Faça alto!" "Porque? Perguntei refreando o Pinhão. "Quem é o senhor?" E fiz menção de desembainhar a espada, pois, embora á paisana, nunca deixara de viajar sem ella, presa ao cinturão. "O senhor não é maluco?" perguntou-me quem me embargara o caminho. "Maluco? Por que?" "Vem fazendo uma algazarra de assustar roncadores e gralhas." Puz-me a rir e asseverei que nada tinha de louco. "Louvado seja Deus", retorquiu o outro. "Fiquei tão assustado que me escondi atrás daquela arvore". Então contei-lhe quem era e porque estava de bom humor. O homem, que parecia excelente pessoa, viu confirmadas todas minhas asseverações com a chegada de João Mineiro. Desenvolveu os maiores esforços para nos levar ao seu rancho, que ficava perto arredado da estrada apenas... duas leguas e meia; mas resisti-lhe e continuei a viagem.

Todo o meu desejo era vencer espaço. Também comecei a querer aproveitar a claridade duvidosa do luar tristonho e embaciado e prolongava então a caminhada até as 8 horas da noite".

Taunay tem pressa em chegar ao seu destino, por isso não se demora em nenhum lugar. Contudo, não deixa de construir uma imagem do Interior que precisava ser conhecido para completar a história da nacionalidade brasileira. Do estudo das impressões desse sertão desconhecido e quase despovoado, como foi relatado, pode-se

perceber que ele é muito mais do que uma região sem vida e distante. Suas descrições e narrativas gravam sua beleza plástica. Através das observações, passou-nos um conceito diferente do que era o Brasil no século 19.

Nos livros "Viagens de outr'ora" e "Visões do sertão", Taunay, de forma extremamente rápida, faz o primeiro registro do arraial de São José do Rio Preto. Com extraordinária habilidade, descreve as paisagens, retrata os habitantes, registra seus costumes e, com aguçado humor, critica a realidade que conheceu.

No livro "Viagens de outr'ora" (2ª edição. Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo. p. 60-68), ele apresenta esse mesmo trajeto, com anotações diárias sobre a região quase despovoada e inculta, baseadas na observação atenta e na capacidade de memorizar a experiência vivida, feitas com o intuito de nada esconder.

No dia 28 de junho de 1867, escreve:

"Naquele tempo viajamos sob o peso de sinistras previsões; faltos de víveres, em véspera das dores da fome, com uma pequena escolta e um companheiro, isolados no meio do sertão. Íamos à procura do desconhecido, sondando o terreno, interrogando sinais, sem caminho, sem guia, sem esperanças. São recordações, aproximações do espírito desocupado, comparações, sonhos, as distrações do viajante inteligente que procura, de continuo, reagir contra os hábitos dos seus companheiros de viagem, companheiros de viagem, entregues quase sempre exclusivamente a procurados meios de comodidade material. O tempo então é pouco para a satisfação do corpo, nessas ocasiões tão contrarias a ela, e o espírito vai perdendo diariamente o seu valor presente".

do corpo, nessas ocasiões tão contrarias a ela, e o espírito vai perdendo diariamente o seu valor presente".

Vemos neste e no próximo texto que os fatores naturais, as chuvas, os raios, o vento furioso, se tornam quase inimigos constantes, mas não desanimam o jovem escritor. Sem os relatos de Taunay, que transcrevo a seguir, nada se saberia de Rio Preto em meados do século 19.

No dia 18 de julho, ele registra em "Viagens de outr'ora":

"O tempo, que, desde o primeiro dia de

Acadêmico do século XIX escreve sobre São José do Rio Preto

Nilce Aparecida Lodi



Agradeço a honrosa oportunidade de divulgar através da revista da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, textos do Visconde de Taunay importantes para a historiografia rio-pretense.

Em 1867, integrando a expedição que se transformaria na famosa e trágica Retirada da Laguna, passou por Rio Preto o futuro Visconde de Taunay, na época apenas Alfredo d'Escragnole Taunay, jovem tenente de engenharia, com pouco mais de 20 anos de idade.

O cognominado "narrador viajante-com-olhos-de-pintor" escreveu com pulso vigorosamente relatando a realidade e construindo imagens fortes dos fatos vivenciados,

possibilitando a extração de inúmeras informações e impressões.

Começou a escrever em 1870, quando publicou o primeiro romance. Firmou seu nome no mundo das letras, sendo convidado a membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 13, que tem como patrono Francisco Otaviano e escolhido patrono da cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Música. Membro fundador do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, à esta instituição confiou suas memórias, que foram publicadas após sua morte, por exigência do próprio escritor. Os manuscritos originais foram mantidos lacrados, na Arca do Sigilo do IHGB, podendo ser abertos e publicados somente após o centenário do seu nascimento, a partir de 1943, e com a aquiescência dos familiares.

Visconde de Taunay (1843-1889)

As obras de Taunay, quase todas hoje esgotadas, estão fora do alcance do leitor. Com o propósito de colocar o leitor em contato com seus escritos selecionei os trechos em que descreve o sertão paulista, a paisagem e personagens da história nascente de São José do Rio Preto.

No livro "Visões do Sertão" (2ª edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo, pág. 60 ss) registra:

"No dia seguinte, atravessando o rio Grande, pisámos territórios de São Paulo, (.....) Qual! Tínhamos que nos metter em espessa mattaria, aliás summamente pitoresca, soberba, e seguida, sem quasi interrupção, umas boas cinquenta leguas. Como é bello alli, já quasi perto da confluncia com o Paranahyba, o rio Grande. Que enormes massas d' água a se juntarem e a se desenrolarem unidas com a denominação de Paraná (mar vasto, diziam os indigenas)!

Como fora agradável a viagem por essa ensombrada e larga estrada, no meio de

É neste instante que se instala na lógica de nossa alma a importância que teve o fato de, lá atrás, qualificarmos nossas relações, no estado de suas instâncias, na saudável extração dos fluidos benéficos. Ressaltando o fato de que aperfeiçoando nossas ações atuais, colheremos amanhã o fruto da lembrança sadia.

Como nada volta ao estado natural da essência de sentirmos, nunca mais retornaremos à emoção do primeiro beijo, em sua carga máxima da primeira vez.

A sensação de ouvirmos um nome e associarmos a ele a nossa pessoa. É única, inenarrável, indescritível, inodora e sedenta de expressividade.

O tempo em que o romantismo nos tomava pela mão, enlevando-nos pelas carícias de uma mão em nosso rosto. Quanta ternura expressa esta conectividade. O quão saudável era um pegar na mão da amada.

Não consegui transpor os limites dessa vazão.

Quando viajei ao amanhã, não atravessei o caminho da apreensão da razão lógica do aprender. É como se houvesse aprendido sem que ninguém tivera me ensinado. Que triste isso! Ninguém aprende se não houver o esforço próprio, a vontade de crescer! Sem um amigo que nos estimule, nem ao menos um professor sedento de emprestar-nos o que já tenha assimilado.

O romantismo já evaporou. As redes sociais não são nada sociáveis. Um clique e já o corpo desnudo preenche sua tela de celular. Uma fotografia de perfil na página já extasia.

Essa viagem ao amanhã me assustou.

A facilidade da falsa felicidade. A ilusão do estar amando; troca-se de esquina e já surge um outro amor. O instantâneo das falsas notícias se espalha como fogueira da ilusão. Criam-se expectativas como se fossem bolhas de sabão. Não deu certo? Troca-se!

Prefiro ainda um mundo mais palpável. Olho no olho. O encanto do se apaixonar.

Enlaçar-se no corpo ainda com a sensação de sentir a alma beijando-o.

As lições sempre aprendidas com emoção, alegria do aprendizado, o prazer de ter dominado a situação de transpor nossos próprios limites.

Se realmente viajasse ao futuro, deixaria um grande lapso de não ter roubado lindas paisagens para minha retina. Só teria ouvido falar.

Nunca teria dito aos meus pais muito obrigado pela oportunidade da vida, pela sapiência singular do só a mim pertencer.

Deixe o futuro para quando chegar o momento dele. Como disse o grande escritor Gabriel García Marquez:

"O que você viveu ninguém rouba"

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

ALBÉRGIO MAIA DE FARIAS

Escrever
É como se o coração
saltasse para o papel
e a mente escrevesse
os seus pulsares
até o poema ficar inacabado,
como agora

e sempre.

Fazer amor
Deliciosamente,
fez amor,
revirou os olhinhos
e me chamou de flor.
Então uma orquídea
apareceu na janela,
era puro esplendor
que acalentou os amantes,
que dormimos,
como anjos,
sem o mínimo pudor.

Do amigo

Na tenda da amizade
você está protegido.
É uma bênção o amigo.
Precisa rezar por ele,
merece todo cuidado
nas andanças da cidade,
e compartilhar o pão e o vinho
antes que a noite acabe.

mental.

Graças a tais atitudes e comportamentos, os italianos se adaptaram a todos os regimes sem que a eles aderissem completamente, não renunciando jamais a uma ampla autonomia de valoração e de julgamento em relação aos diversos regimes políticos e a suas relativas legislações.

* Pasquale Amato nasceu em Reggio Calabria-Cidade do Bergamotto em 22 de abril de 1944 e graduou-se com a nota máxima em Ciências Políticas na Universidade dos estudos de Messina. Foi Docente de História Contemporânea e de História dos movimentos e partidos políticos no Ateneu messinense, assim como Delegado para as relações com a União Européia e com a América Latina e Conselheiro no Projeto de simulação diplomática MNUM-ONUN em Nova York. Leciona História da Itália Contemporânea na Universidade para Estrangeiros "Dante Alighieri", de Reggio Calabria, desde 2002; desde 2004 também História da Europa Contemporânea.

É considerado um historiador global por sua propensão a mover-se com agilidade nos múltiplos tabuleiros sem fronteiras de termos, espaço e tempo. Inspira-se, de fato, a uma ideia da História de caráter interdisciplinar e de ar universal. Interpreta a História como pesquisa constante das causas próximas e distantes dos fatos, das ondas de breve, média e longa duração e dos múltiplos aspectos que se interseccionam na determinação do curso dos destinos da comunidade humana. Este seu modo de viver, analisar, interpretar e escrever a História o projetou seja na produção científica na intensa atividade de militante intelectual e de conferencista. Na verdade traz à atualidade fatos antigos da História Antiga.

A total paixão pela História global e local estende-se não apenas na ampla e variada gama de publicações científicas e de artigos, mas na intensa atividade de Docente universitário, nas participações em Congressos e conferências em Universidades e instituições

culturais na Itália e no exterior. Pasquale Amato nunca desdenhou a organização de atividades e iniciativas. Entre seus projetos, um se destaca sobre todos: fundou, em 1983 e preside até hoje o Prêmio Mundial de Poesia Nösside, único Concurso global aberto a todas as línguas e às diversas formas de comunicação, hoje em sua 33ª edição.



Itália

PAÍS PLURAL

Pasquale Amato



A Itália é o País das 100 cidades, das 100 províncias, dos milhares de campanários, o único em que Roma é a capital de uma nação e a capital de um Estado universalmente religioso, como o Vaticano.

Sintetizar e expor em muitas linhas a história de um único século já é, por si só, uma tarefa particularmente difícil. Se se trata do século XX e de uma nação como a Itália, que guarda a tradição de ser muito dinâmica em qualquer que seja sua atividade e de estar em constante ebulição no campo da política, é com certeza um trabalho ainda mais difícil.

Ocorrem três níveis diferentes de abordagem. Antes de mais nada torna-se necessário ressaltar o cenário internacional porque não se pode negligenciar este aspecto na História e, em particular na História de um país que penetra o Mar Mediterrâneo.

Além desse aspecto, a História Nacional deve ser pensada e narrada resguardando dois níveis diversos: a história dos governos, do poder e das conquistas e das lutas pelo poder; e a história do povo. Na verdade trata-se de dois níveis presentes em todas Nações. Na Itália, entretanto, sua incidência tem sido sempre mais profunda.

Essa maior incidência é um efeito de sua própria história. A história de uma Nação que, já sob o ponto de vista geográfico, avança com sua bota em direção ao centro do Mediterrâneo, subdividindo-o em duas partes. Exatamente por estes motivos, a Itália tem sido sede de encontros e desencontros entre os povos e fluxos culturais que por ali têm passado. Uma Nação que tem estado no centro de todos os movimentos de população entre Norte e Sul, Europa e África, Ásia e Extremo Ocidente.

Daí ter-se desencadeado uma fragmentação articulada de sua história. Tanto é verdade que quando queremos tentar entendê-la devemos levar em conta ser um país que congrega uma

série de enormes diferenças devidas com certeza ao fato de ter sido a Nação das cidades-estado gregas, no Sul e em boa parte na Sicília, excetuando-se as atuais províncias de Palermo e Trapani, fundadas como cidades-estado de Cartago, como Cagliari na Sardenha meridional; das cidades-estado etruscas da Toscana e do alto Lácio; de pequenos reinos itálicos na área central da península antes da expansão da cidade-estado de Roma; o País dos Municípios e das Repúblicas Marinhas, das Senhorias e dos Principados; o País que, no Pálio de Siena, expressa ainda hoje a grande rivalidade entre os bairros de uma mesma cidade mas é somente o mais conhecido porque há centenas de ocorrências similares em todo o território, dos Alpes à Sicília; o País que viu alternar sobre seu território tantos conquistadores atraídos por seu clima, pela posição estratégica no centro do Mediterrâneo e pelo imenso patrimônio de cultura e de artes que lhe foi tomado, acumulado em diferentes épocas históricas graças à extraordinária criatividade alimentada por tantas identidades, por mesclas entre as diversas culturas e pelo forte individualismo.

A Itália é, em resumo, o País das 100 cidades, das 100 províncias, dos milhares de campanários, o único em que Roma é a capital de uma nação e a capital de um Estado universalmente religioso, como o Vaticano. É, por fim, por este entrelaçamento de múltiplas razões, um País em que o Estado e os cidadãos têm vivido um relacionamento consideravelmente conflitual, no qual os cidadãos (em razão da alternância de governos e diversas dominações) adquiriram o hábito de demonstrar uma acentuada desconfiança em relação aos maiores poderes instituídos. Uma desconfiança ligada a uma capacidade refinada de adaptação formal (o mínimo indispensável para não estarem excluídos da lei) e a uma margem muito elevada de destacada autonomia

Presépios

Sempre gostei
De olhar os presépios.
Mas, dói muito.
Jesus,
um homem limpo
que todo dia
é sujo por nós.



Reescrever

Não quero escrever
apenas versos,
quero escrever
com a chama interior
dentro de mim.
Quero que dite as palavras
e o sentido delas.
Que seja fulminante.
Quero escrever com a alma,
só assim a poesia vale a pena
porque senão é mero versejar.
Pode até ser bonito
mas é falso,
não tem a beleza,
não tem a verdade
do íntimo dos abismos
do coração de um poeta.



Adeus

Justamente agora
você vem me dizer adeus!
Quando as flores
se preparavam
para ir ao altar
e tudo parecia um sonho real
além de uma casa azulejada
e um quintal.

Algum dizer

Gosto
quando o texto vem pronto
em meu coração.
Não gosto de trabalhar as palavras
pura e simplesmente.
Por exemplo,
penso em uma rosa,
basta, é tudo.
Qualquer acréscimo que se lhe dê
e demais para uma rosa.
Mesmo sendo uma mulher.

Antes de agora

Faça o quanto antes,
porque os temporais
estão à espreita,
a aeronave está no pátio
mas decerto não vai decolar,
resta o último voo
para você não perder o encontro
nos becos de Lisboa,
onde o fado vadio
maldiz e abençoa.
Faça
O quanto antes,
agora pode ser tarde.

Fé

Falta-me o fervor.
Já não consigo dizer a Deus:
me ajude,
me proteja,
eu confio em vós.
É como se Ele
mesmo caminhando a meu lado,
estivesse a milhas de distância,
olhando para mim
e exclamando:
seu bobo!

Social. Com o desenvolvimento de Rio Preto, uma grande parcela da população não sabe sobre seu gigantesco trabalho. Sinto-me feliz em recordar parte das atividades desse homem iluminado e narrar alguns aspectos interessantes de sua relação pessoal com seus colaboradores e com os membros da comunidade à qual serviu.

No entanto, o Serviço Social São Judas Tadeu não foi obra exclusiva de padre Ângelo.

Após sua saída de Rio Preto, os combonianos continuaram na condução da Obra Social. Padre Ludovico, que a dirigiu entre 1996 e 2001, relata a sequência desse crescimento: a pequena loja onde vendiam móveis reformados e esculturas em gesso hoje é um pavilhão de artesanato. Conta ele que o artesanato já existia desde o início, realizado pelas senhoras voluntárias, e posteriormente foi fundido com a loja citada.

Surgiu a seguir uma área de recuperação escolar conduzida por voluntárias, que depois criaram também um curso noturno de alfabetização de adultos. Depois veio o pavilhão "tudo serve" e foi ampliada a horta, permitindo a venda de hortaliças, enquanto eram construídos os pavilhões de marcenaria, serralheria e tipografia. Em sua opinião, a gráfica era a principal atividade e conta a seguinte história:

"Havíamos recebido um motor novo de presente de uma empresa de São Paulo para ampliar o rendimento da tipografia, que estava abarrotada de trabalho. Quando o testamos, não funcionou. Durante a madrugada, fui de carro para a Capital levando o motor. Na empresa, o engenheiro responsável, um negro alto e forte, sorria discretamente enquanto eu relatava a falha do motor. Quando já pensava que o engenheiro estivesse 'gozando com a minha cara', ele disse: 'Padre, eu sou ex-aluno do São Judas e hoje sou um dos engenheiros da empresa'.

Com um novo motor, retornei para Rio Preto, especialmente feliz por constatar os frutos que gerava o Serviço Social". Conta também padre Ludovico que, devido às queixas de professores das escolas públicas sobre o comportamen-

to de alguns meninos do São Judas, ele adaptou 10 salas do Seminário Comboniano, que estava inativo, e de 1997 a 2001, com o apoio dos prefeitos da época fez com que funcionasse como escola municipal. No entanto, seu maior orgulho é contar que ao serem diplomados no Serviço Social, os "meninos" já saíam empregados nos locais onde estagiavam e com carteira de trabalho assinada. Em 2001, por determinação da Ordem dos Combonianos, padre Ludovico iniciou a transferência da Obra Social para a Diocese de Rio Preto e no final do referido ano, foi deslocado para Roraima para trabalhar com indígenas, só voltando recentemente.

Padre Carlo Naldi, amigo pelo qual tenho especial admiração, revelou-me: "A obra já caminhava por si, já não havia miséria no local e nem nos arredores, por isso a Ordem julgou que não era mais um trabalho para seus missionários".

Há oito anos, a Obra Social foi totalmente deixada sob a direção da Diocese. Os combonianos continuaram com trabalhos nas paróquias de São Pedro e São Paulo e no Cristo Rei, mas hoje são responsáveis apenas pela última citada. No entanto, movido por enorme devoção, padre Carlo Naldi está erguendo o Santuário da Virgem de Guadalupe no bairro Romano Calil. Ali, já com altar, embora ainda sem portas e janelas, celebrou no dia 12 de dezembro de 2010 a primeira missa. Ouvi-lo falar sobre a Virgem de Guadalupe provoca profunda emoção.

Para resumir a maneira de viver de um missionário comboniano, padre Carlo define: "Os combonianos vão onde os outros não querem ir".

Em 26 de abril de 1975, como presente de casamento, Armida e eu recebemos do padre Ângelo Dell'Oro um rosto de Cristo esculpido em madeira, feito no próprio Serviço Social São Judas Tadeu, que até hoje é mantido em local de destaque em nossa casa como uma lembrança perene desses homens extraordinários.

cados em barracões e se transformando em oficinas para orientação e formação profissional. Crianças e jovens que viviam nas ruas, sem perspectivas, passaram a frequentar oficinas que lhes ensinavam diferentes ofícios e resgatavam sua dignidade de seres humanos. Padre Ângelo acreditava na providência divina e, mesmo sem dinheiro em caixa, levava em frente seus planos, pois de “algum lugar” viria o suficiente para o custeio. Procurava incessantemente por verbas, visitava seus colaboradores em suas casas e não se envergonhava em pedir ajuda para sua obra. Seguiu com fé o evangelho: “Pedi e recebereis, batei e se abrirá”.

Nessa época, as quermesses comemorativas do dia de São Judas Tadeu, 28 de outubro, eram abarrotadas de gente, e inúmeras pessoas iam a elas apenas com o intuito de colaborar financeiramente com a grande obra social. Padre Ângelo circulava entre o povo, enquanto seu Gijão (Osirides Giorgi) leiloava as prendas que eram arrematadas por valores altíssimos. Lembro-me de meu sogro, Willian Rahd, arrematar um licor italiano por valor pouco menor do que custava um Fusca naquela época (e ele nem bebia licor).

Um simples salto de sapato feminino, encontrado no chão durante uma quermesse, foi entregue a seu Gijão, sendo leiloado e arrematado por elevado valor, se não me falha a memória, por Ulisses Cury, grande colaborador da Obra. Todos se irmanavam com Padre Ângelo para dar continuidade ao grande ideal de promover o homem.

No Instituto Comboniano, surgiu no final dos anos 60, pela orientação do padre Domingos Andriollo, o movimento “Construindo”, que foi o maior movimento de jovens cristãos da diocese de Rio Preto. Esses jovens também participaram ativamente da vida do Serviço Social. Recordo-me quando nos disseram que aquilo que não servia para os outros servia para o São Judas; e a Campanha Tudo Serve, que existia há poucos anos foi intensamente incrementada.

Em carrocerias de caminhões, jovens dede todas as classes sociais, estudan-

tes de diferentes faculdades de Rio Preto e região, saíam aos sábados à tarde, coletando todo tipo de coisas “inúteis” pelos diversos bairros da cidade. Desde jornais velhos até fogões e geladeiras caindo aos pedaços, tudo era recolhido e descarregado no Serviço Social. Olhávamos para o que carregávamos das casas para os caminhões e não conseguíamos imaginar para o que serviria, mas padre Ângelo dava algum destino útil a eles. daquelas quinquilharias surgiam objetos que geravam recursos para a Obra Social.

Nesse período, contavam seus companheiros combonianos, em várias noites de frio, padre Ângelo dormia descoberto, apenas de cueca ou nu, de janela aberta e justificava: “Preciso sentir o frio que sentem os meus pobres para saber o quanto precisam de minha ajuda”.

Enquanto o Serviço Social São Judas Tadeu crescia em estrutura física, movido pelo enorme sentimento humanitário e cristão daquele homem e de seus companheiros combonianos, ele próprio jamais deixou de peregrinar diariamente pelas casas dos paroquianos levando conforto, solidariedade e paz. Conseguiu que em um espaço diminuto funcionasse um pequeno ambulatório médico para assistência às crianças da comunidade. Foi criada e incrementada a Cidade Mirim, com os diversos cargos e funções de uma cidade, e nela também se desenvolveu a formação religiosa. A banda outrora improvisada recebeu instrumentos adequados que permitiram se apresentar em público.

Com seu estilo peculiar, após receber uma comenda da comunidade italiana, como reconhecimento pelo seu extraordinário trabalho social, ele confidenciou a alguns amigos:

— Foi bom o prêmio, ajuda a divulgar a obra, mas ao invés de ser nomeado cavaleiro preferia ter recebido um cavalo de verdade, pois seria muito mais útil aos meus pobres. de verdade, pois seria muito mais útil aos meus pobres. Muitos desconhecem esses fatos, porque associam padre Ângelo apenas com o que foi produzido no Serviço



Dualismo simbólico e força pictórica caracterizam a produção mais recente do artista plástico Victor Fogaça. Suas obras trazem uma abordagem marcante na identificação estética do tema histórico dos símbolos animais concebidos de forma mística pelas culturas humanas, identificações biológicas de presas e predadores e a presença que exercem sobre o meio. Aqui evidenciados em seus polos figurativos e imaginários, direita e esquerda, face e representação. Intrinsecamente, as obras refletem o universo do próprio artista, dividido em antagonismos, na

apresentação de seu próprio hemisfério concreto e o libertário do subjetivo, onde as formas já não se condensam ou obedecem regras de geometria; são livres e, portanto, puro símbolo.

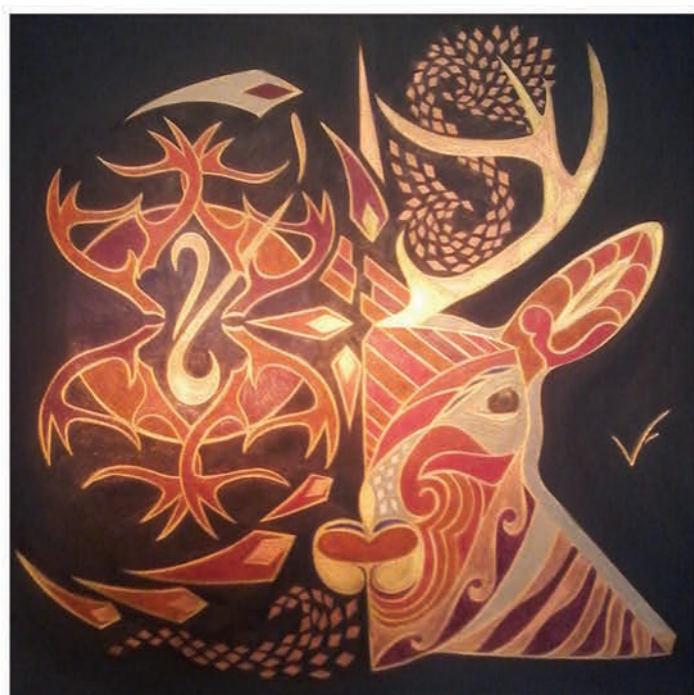
A plataforma escolhida pelo artista nesta fase é a pintura a lápis. Realizada de forma obsessiva para atingir a pregnância cromática típica de suas obras a óleo, ela desfruta de uma capacidade especial de revelar texturas em altíssima definição e uma paleta de cores que contrapõe quentes e frios e rebate a luz. Metálicos, cintilantes; ouro e cobre.



LEÃO. DOMINÂNCIA



CORDEIRO. SANGUE



CERVO. TERRA



CORUJA. CHAVE DOS SONHOS

A obra iniciada por padre Angelo Dell'Oro continua salvando jovens das ruas.

Costumamos buscar exemplos de santidade e empreendedorismo em locais distantes. Quanto mais longe melhor, pois podemos citá-los e, ao mesmo tempo, nos eximirmos de imitá-los. Mencionamos criadores de grandes empresas que fizeram enormes fortunas e pessoas que foram símbolos de doação e caridade. Caridade no sentido de amor ao próximo e não como sinônimo de contribuições financeiras.

Independentemente de qualquer ideologia, não há empreendimento maior do que a promoção do ser humano. Um exemplo extraordinário disso foi o padre Ângelo Dell'Oro e seus companheiros da Ordem dos Combonianos, em Rio Preto.

De um terreno improdutivo e invadido pelo mato, fonte de proliferação de insetos transmissores de doenças e de animais peçonhentos, padre Ângelo e seus companheiros de Ordem fizeram nascer, crescer e dar frutos o Serviço Social São Judas Tadeu.

Como todo homem iluminado, padre Ângelo não se isolou ao lado de uma única classe social; uniu ricos, classe média e pobres na busca de um objetivo que tinha como ponto final a promoção humana.

O primeiro passo foi conquistar a comunidade próxima da Igreja São Judas Tadeu (Parque Celeste – São Judas, Vitória Régia e Jardim Soraya, naquela época). Nessa fase, no final das tardes e início de noites, de bicicleta, percorria as casas de seus paroquianos em missão de paz.

Dizia: — É nesse horário que chegam os maridos exaustos, nervosos, humilhados ou embriagados. Preciso estar lá para acalmar os ânimos e evitar a violência. Se eu não estiver presente nas horas difíceis, do que vale participar dos bons momentos?

Mas seus trabalhos e de seus companheiros combonianos não se atinham apenas ao Serviço Social. Padre Ângelo trabalhou com os detentos do

IPA, tendo se tornado capelão. No Colégio Santo André, deu aulas sobre a Doutrina Social da Igreja e mostrou a realidade dos mais carentes às alunas daquele estabelecimento de ensino.

Ele dava início a sua maravilhosa obra social. No início dos anos 60, quando existiam apenas a igreja inacabada e uma pequena casinha na qual padre Ângelo morava, jovens de diferentes classes sociais, que jamais tinham imaginado se engajar nesse tipo de “empreendimento” para lá se deslocavam como voluntários, movidos pelo exemplo daquele “homem barbudo”.

Grupos de senhoras se revezavam a cada dia, ao longo dos anos, para colaborar dando assistência e ensinamento. Inicialmente visitavam as casas da comunidade orientando as mulheres, especialmente as grávidas. Posteriormente, na Obra Social ensinavam costura, bordado, higiene, religião, confecção de enxovais de bebês e outras atividades. Não citarei nomes para não cometer injustiças.

Uma delas me confidenciou que, durante uma missa celebrada por ele, todos viram o enorme furo na sola de seu sapato. Logo lhe deram um par de sapatos novos, que ele recebeu com satisfação. No entanto, em uma celebração seguinte, estava ele, de novo, com o sapato velho e furado; então, foram saber a razão pela qual não estava usando o sapato novo e a justificativa foi:

— Eu o dei a um pobre que não tinha o que calçar, estava de “pé no chão”, pois apesar de estar com a sola furada eu tenho esse sapato.

Aos poucos, daquela terra bruta, parte dela adquirida por um preço nada barato, foi brotando o Serviço Social. Uma horta, um galinheiro, um pomar e começaram a surgir os barracos, que foram se multiplicando e sendo modifi-

EMPREEN
DEDORISMO



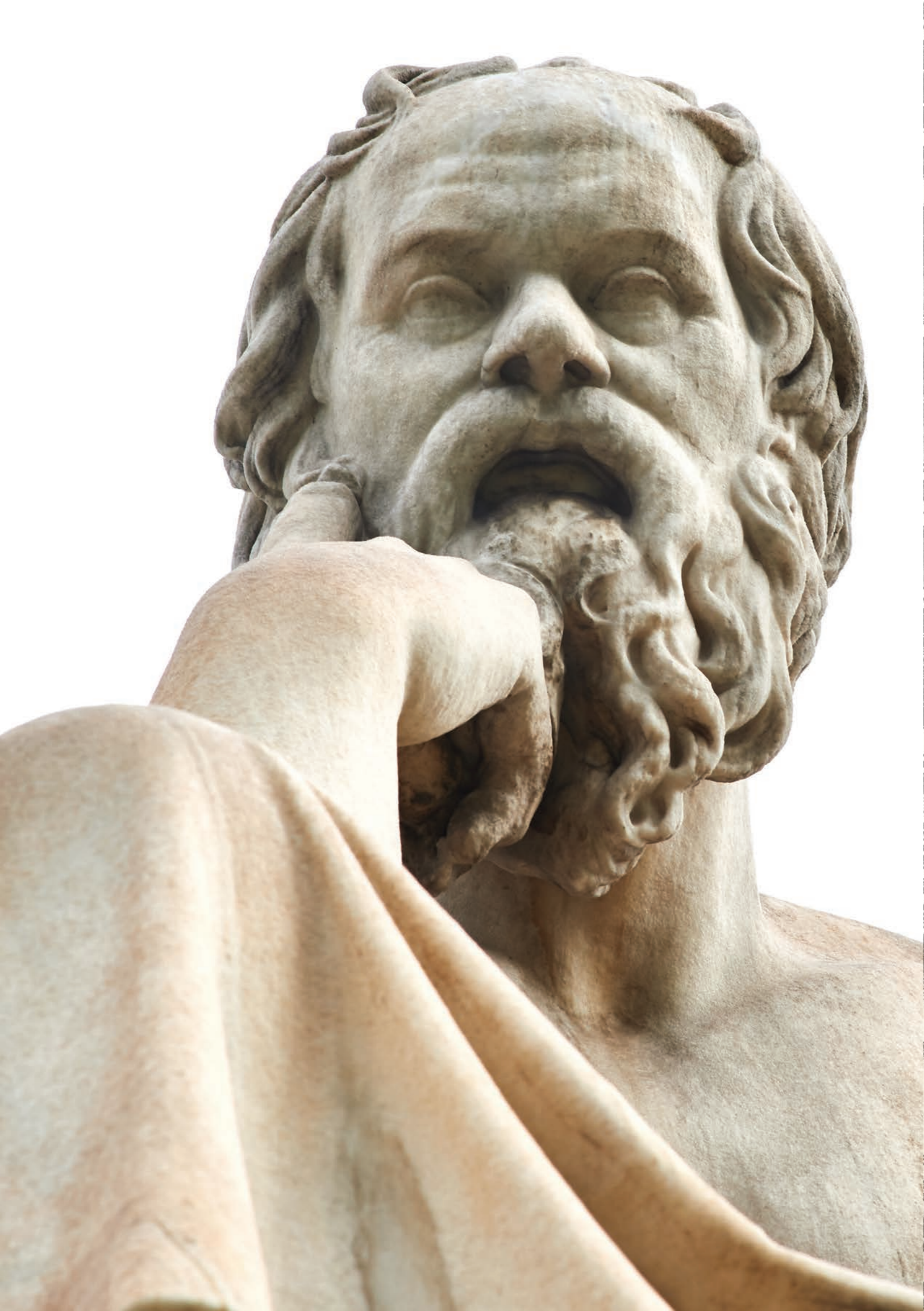
JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB



ÁGUIA. SOBERANIA E ELEGÂNCIA



VÍBORA. REDENÇÃO



Minha alma

Tropeço no soluço da angústia
Trago o luto das frustrações
Minto para a mentira
Elevo a verdade
Resvalo no real
Recuo a possibilidade.

Esvai-se a alma rumo aos céus, à liberdade.
Rompo a represa do ser
Expando cada gota do meu sangue
Rego cada ramo dos meus espinhos,
redemoinho das minhas incertezas,
durezas de minha alma.

Que anjos me acompanhem,
leveem meu pensamento,
amparem meus atos,
conduzam-me ao Bem.

Em dias

Em dias turvos, trago o ar:
Em dias de sol, revisto-me de sombras.
Sou quem o dia e a noite me tornam,
misto de ser e querer; ser mais e melhor.
Nas nuvens me anelo, na chuva banho a
alma,
puro enlevo nas flores, nas cores, nos pingos
do orvalho que brinda a noite e regala o
dia.
Burburinhos, gritos, euforias e esperanças.
Espiral de vida, DNA humano,
rastreado o horizonte, pleiteando os céus.
Arrasto-me entre o bem e o mal,
entre o dito e o pensado;
agir contra a inércia,
sobreviver para não morrer;

viver para prover outros seres,
ser humana para dar a mão.
Sentir, para assim desabrochar,
continuar a viver para continuar a crer:
Vida há. Buscar hei de.



Poemas

Nidia Puig

De verdad

De verdad. No quiero colores deshechos.
Ni la cumbre nevada, ni el pantano mojado
Quizás el suelo, crudo, desnudo, cuna de los muertos,
de los tragados huesos, piel, pelos y palmas.

De verdad. No puedo más con el vacío, los huecos
que claman por rellenarse con la nada.
Quisiera poder no más soñar. Y soñar nada más.
Huirme de lo que pudiera haber sido,
quedarme solo con lo que es. Es todo.

Dios existe para los que Le creen;
pero ayuda también a los que no Le ven.

Mi ruta no es un torbellino, aunque desvios haya.
Busco el camino ya trazado, sin embargo
ahora con mis huellas

De las notas de la música, me quedo con la armonía,
con la posibilidad de la creación:
el infinito des construir de códigos,
serpientes que rastrean en mis oídos.

De verdad. Vivir es rehacer; es escuchar el silencio;
Es hablar con el humano y ser oído por Dios.

Homenagen a Gabriela Mistral

Cultura e sabedoria

José Luiz Balthazar Jacob

É frequente depararmos com pessoas de bom nível cultural que se manifestam intempestivamente sobre diversos assuntos.

Nem sempre suas opiniões são realmente pertinentes. Muitas vezes, são ditadas pelo hábito que o indivíduo desenvolve de discutir sobre qualquer assunto, mesmo quando o tema se refere a áreas que não são de seu domínio.

A cultura transmite para alguns o sentimento de superioridade que leva a prepotência. Para esses, uma pessoa menos letrada é incapaz de ter proposições ou posições que mereçam aceitação e reconhecimento. Por isso, não é raro o surgimento de situações constrangedoras ou atitudes radicais de distanciamento na convivência e até nas relações de amizade.

O indivíduo com bom nível cultural que se torna prepotente mostra ao ambiente no qual convive que a cultura nem sempre traz a sabedoria ao seu lado. O sábio escolhe o momento de se manifestar ou opinar, sabe discordar com serenidade sem causar desconforto aos demais. Isso decorre do fato de que o sábio pensa e medita sobre o que ouve para depois se posicionar, por isso, não transforma sua boca em um autofalante a divulgar palavras impensadas. O sábio tem uma postura muito mais sóbria e serena, não se aventurando a discursar de improviso com frequência nem recitar poesias em momentos inoportunos.

A ânsia de demonstrar cultura é própria daqueles aos quais falta sabedoria. Os livros e os conhecimentos adquiridos gritam com desespero na mente de alguns cultos, clamando por serem jorrados pela boca. Por outro lado, a sabedoria tem uma parcela enorme de vivência, que associada ao conhecimento, leva ao bom senso e ao comedimento.

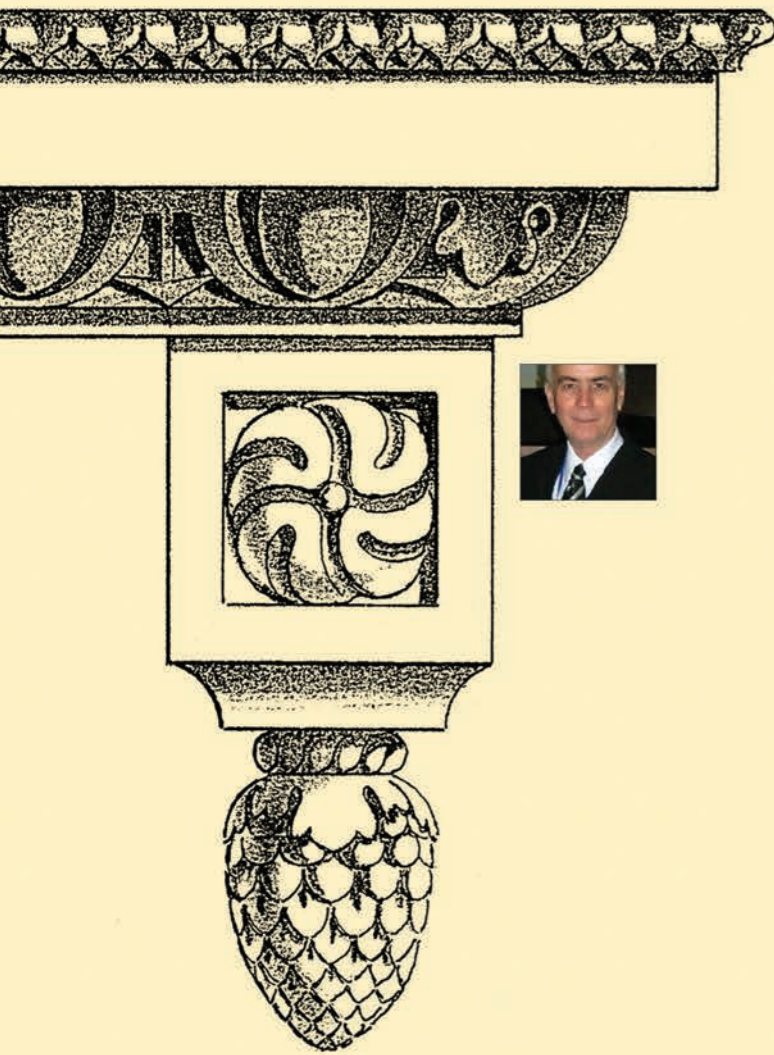
A cultura é fundamental não só para algumas pessoas, mas para o povo, para uma nação. Uma nação sem cultura é fadada ao atraso. Portanto, incentivar e reconhecer o valor da cultura é um dever do cidadão. No entanto, precisamos estar atentos ao fato aqui mencionado de que cultura não deve deixar subentendido que exista sabedoria associada. Pode estar apenas na mente de um loquaz que a difunda de modo errado ou que aceite falar sobre qualquer assunto para se colocar em evidência.

Talvez aí esteja a grande diferença: o loquaz pode ser culto, mas o sábio medita mais e fala menos.



VIROU AMOR PLATÔNICO

Alberto Gabriel Bianchi



Douglas, um jovem rapaz, no verão de 1965 se viu desesperadamente apaixonado por uma linda mulher e não sabia mais o que fazer. Foi uma paixão louca e que está até hoje no seu coração.

Mirna, linda moça de cabelos loiros e longos, percebendo o sentimento do Douglas, também ficou encantada pelo moço. Não a esquece, nunca. Aquela jovem foi a grande inspiração para toda sua vida.

Douglas comentava que os ensinamentos dela serviram para toda sua existência. O que ela representou para sua vida foi a coisa mais emocionante que existe.

Mirna deu belos exemplos, o norte e a base para a maneira de viver de Douglas.

Douglas procurou viver por e para ela. Tudo que fazia era pensando nela. Queria ser um homem perfeito para agradá-la. Lutou e não conseguiu.

Viveu intensamente os momentos possíveis. Transformou-a em Santa num dos Vitrais da Catedral de St. Paul, em Londres; em musa, no Coliseu de Roma; Rainha no Palácio de Versalhes e em Símbolo da Beleza Universal nos Jardins Suspensos da Babilônia.

Como não há evidências da existência dos Jardins da Babilônia, tem sido sugerido que os Jardins Suspensos são puramente míticos, e que as descrições encontradas nos escritos gregos e romanos antigos representam apenas um ideal romântico de um jardim oriental. Se de fato existiram, foram destruídos em algum momento após o primeiro século d.C.. Porém essa história foi real e verdadeira, sem o manto diáfano da fantasia.


Seu coração pulsava com emoção e seu corpo tremia sempre que a encontrava.

Lembrou-se de fatos pitorescos, tais como ficar nos jardins horas e horas conversando, às vezes deitado debaixo Lembrou-se ainda das tardes de outubro, época da floração do flamboyant, com suas belíssimas flores, ou nas tardes de agosto, quando os ipês brancos, apreciados por sua beleza e exuberância, davam sua florada num período curto; quando curtiam a beleza das flores do flamboyant e do ipê amarelo e especialmente do branco e faziam declarações de amor ou declamavam belas quadrinhas.

Douglas aproveitou para lembrar-se das várias cartas carinhosas que recebia dela. Uma delas tinha marcas das suas lágrimas, na fase aguda da paixão, outras com marcas de batom e mais uma com vários corações e flechas desenhados.

Douglas saiu a passear numa tarde de verão pelos campos do lugar. Ela estava com um lindo vestido de listas muito vivas que esculpam seu belo corpo. Deitaram-se e ficaram conversando um bom tempo. O coração de Douglas palpitava tresloucadamente





fazendo-me lembrar do Roney e das pragas invocadas pelo bedel polaco, ante a inutilidade da corrente de descarga no velho Internato do Bosque. Sou, hoje, de novo, um interno, me sinto ainda um nada, incapaz de um gesto heroico que me fizesse sair dessa invisibilidade, como teve o companheiro de quarto que, na calada da noite, sem despertar qualquer suspeita, tomou de uma faca esquecida em uma das gavetas da cozinha, cravando-a no peito, sentado em uma cadeira de onde ficou pendente até a última gota de sangue. E ainda ouvimos no dia seguinte, por várias vezes, a música de Ketelbey, O Santuário do Coração que, nas palavras do diretor da casa, era uma maneira de demonstrar nosso amor pelo falecido. Foi o momento em que

me recordei da cena do Buracão, um dos bedéis descendo a escada para dar fim ao castigo do Tedunfo, enquanto aguardávamos ansiosos do lado de fora, em apoio ao colega que enfrentara a fera romana com um único sopapo, deixando-o estático em sua poça de sangue. E me lembrei deste mesmo bedel, em súbito instante subindo em correria os degraus da escada, trazendo estampadona face o reflexo da morte do Tedunfo, dependurado pelo pescoço em sua própria cinta, amarrada em uma das vigas ocultas pela trepadeira.

(Os fatos aqui narrados representam um misto de ficção e realidade. Não têm necessariamente compromisso com os verdadeiros acontecimentos).

olhando para sua silhueta e desejando um abraço ou um beijo.

Gostavam de passear descalços na areia de um pequeno riacho. Passava várias vezes por dia na frente de sua casa querendo vê-la. Queria a todo custo casar-se com ela, porém era novo e não tinha a menor condição financeira.

Numa tarde de sábado estiveram juntos, brincando, aquelas brincadeiras de crianças, jogando água um no outro, deslizando os pés na areia. Ele fazendo juras de amor, dizendo que ia ser “alguém” na vida e depois se casariam e seriam felizes. Ela dizia que o esperaria pela vida toda. E essa luta ele enfrentou na sua existência, porém um dia optou por seguir um caminho que o tornou infeliz por muito tempo. Não tendo condições de viver a dois, preferiu afastar-se pensando que, quando obtivesse condições pudesse voltar e, aí sim, viverem felizes para sempre. Estratégia que não deu certo. Rumo egoísta ele tomou.

Ocorre que, para a grande tristeza de Douglas, ela arrumou um novo namorado e ainda adquiriu condições para lhes dizer que se topasse largaria o namorado e viveriam juntos.

Douglas ainda não tinha meios para uma vida a dois, porém o amor continuava latente no seu coração de forma ardente e disse não ser possível. Pior resposta da sua vida! Ela continuou namorando e um belo dia comunicou que ia se casar com outro e, ele ainda teria uma chance, caso quisesse. O apaixonado acabara de arrumar um belo emprego que daria para viverem juntos com toda felicidade. Mas, desmanchar um noivado àquela altura seria um pecado e um risco de torná-la infeliz, também. Optou por ficar quieto e em silêncio total e muito sofrido, doloroso. Chorou desesperado no dia do seu casamento curtiu esse acontecimento por muitos anos. Depois, conformou-se e controlou a grande emoção tendo uma vida de paz, mas nunca esquecendo o grande amor de sua vida.

Como estava sofrendo muito e não podia extravasar com ninguém uma vez que agora ela estava casada e feliz, pensou em vários planos, uma vez que

seria importante compartilhar com alguém seus sentimentos para não ficar louco de uma vez.

Encontrou guarida em uma amiga íntima da Mirna que aceitou ouvir sua história. Ele não contou tudo que queria. Precisava desabafar era com a própria Mirna.

A amiga arrumou um jeito de promover um encontro para que pudessem conversar amigavelmente.

Douglas contou que ao encontrarem-se ele tremia todo e nada conseguia dizer. Por duas vezes isso ocorreu e na terceira conseguiu se manifestar.

“Mirna”, disse ele, “preciso muito conversar com você, caso contrário vou enlouquecer. Preciso resolver o que não está bem resolvido dentro de mim.” Mirna respondeu: “Fale à vontade, sou toda ouvidos, e sua grande amiga e admiradora.

Douglas: “Encontrei a necessária inspiração para dizer-lhe que dei meu coração por toda a vida.

Quando nos afastamos foi porque eu estava muito preocupado e inseguro com as nossas diferenças. Seus pais tinham um padrão de vida muito superior ao meu e dos meus pais.”

Douglas não tinha a chance alguma para sustentar um compromisso sério. Pensou em tudo, até em solicitar do seu pai que alugasse uma daquelas casas que ele tinha logo no início do seu quintal. Não teve coragem.

Mirna: “Por que você não me falou tudo isso, antes?”

Douglas: “Pois é! Fiquei desesperado e sem saber o que fazer. Magoar você, nunca!”

Alimentar esperanças? Corria o risco de atrapalhar sua vida para sempre, o que não seria justo. Optou por se afastar na expectativa e com a convicção de que no futuro tudo daria certo (pobre ingenuidade). Tinha certeza de que os dias iriam melhorar e o seu sonho seria realizado. Ficou sonhando a vida toda com isso.

Toda vez que encontrava alguém parecido com Mirna, seu coração disparava e assim passou dias, noites e muitos anos. Gritava seu nome por todas as ruas e estradas que passava.

Inventou músicas e cantou-as bem alto

pelo mundo. Tudo recordava a jovem: músicas, pessoas, roupas, histórias românticas, etc. Pensava em sair do país para não mais sofrer.

Mirna: 'Pena que nunca soube e nem pensei nisso.'

Acompanhava toda sua vida. Perguntava a todo mundo por Mirna. Onde andava e o que estaria fazendo. Pessoas muito próximas contavam coisas que o deixavam maluco. Tinha ciúme e tentava se controlar. Soube uma vez, que ela tinha pretensões de estudar francês. Lá foi ele estudar francês. Queria estudar e aprender tudo que pudesse lhe fazer um homem melhor na sociedade. Procurou em todo o seu caminho estudar e aprender coisas boas e que pudesse lhe mostrar e demonstrar-lhe que graças a ela melhorou muito o seu viver. Tudo que viveu e aprendeu, por vaidade ou não sempre quis que ela soubesse. Sempre quis estar por perto do seu caminho. Quantas e quantas maluquices fez por ela, sem nunca querer prejudicar sua vida! Quantas vezes saiu correndo só para vê-la.

Tornou-se escravo de um amor que foi crescendo envolto em sonhos, alegrias e também algumas dores, na época em que a inocência, a delicadeza e a pureza dos corações irradiavam amor abrasador e deixava o corpo todo em estado de tremor. Suas mãos trêmulas, entrelaçadas às dela, não permitiam falar nem se movimentar pela violenta emoção.

Quando da sua formatura lá esteve Douglas e a viu, linda e majestosa, um rosto com a pureza de uma princesa angelical. Aquela é a imagem que guarda de Mirna. Ficou pensando e desesperado a abraçou, sentindo pulsar seu coração de menina e de mulher.

O olhar dela parecia chamar Douglas e sua coragem sumia. Era fruto de uma formação reprimida em que tudo era pecado, apesar do seu pensamento ser bem liberal.

Ainda está gravado de forma bem nítida na sua memória o dia em que estavam juntos sentados lado a lado numa conversa relaxante e romântica. Dia em que tiveram toda a oportunidade do mundo de se amarem e serem felizes.

Ela chegou a fazer algum carinho, dizendo-se aberta ao amor. Fez estremecer o coração de Douglas e aquela cena jamais esqueceu. Só os dois na sala, muitas promessas e alguns toques deliciosos.

Não consegue deixar de pensar em coisas simples, como por exemplo, a maneira que ela lhe cumprimentava. Sempre dava as duas mãos num gesto carinhoso e amoroso. Aquilo o arrepiava e procurava se controlar, uma vez que tinha vontade de agarrá-la, beijá-la e tudo o mais que se pode imaginar. Quantas vezes no portão da casa de Mirna, ficou segurando suas mãos, sem vontade nenhuma de ir embora e ao mesmo tempo, preocupado com seus pais. Aí vinha aquele enorme rótulo fantasma e castrista na sua frente: Cuidado, é pecado! Assim é que lhe ensinaram. A repressão explícita.

Uma tarde de domingo, estive na sua casa e um clima delicioso e perigoso começou a ser criado. Mirna convidou-o a ir, no seu carro, comprar pão para lanchar. Foram os dois, conversando muito e atração ficava cada vez mais latente.

Não suportando, deu-lhe um longo e doce beijo, quase perdendo a cabeça. Valeu a pena, disse ele. Disse ter sido o mais delicioso beijo de toda a sua vida. Deveria ter dado mais. Selou um amor que na realidade, sabia ser impossível. Deliciaram-se com o frenesi do amor, com carinhos alucinantes.

Douglas: Hoje, diante dela teve a oportunidade de tudo esclarecer e pedindo perdão pelos erros, perdão pelo pecado cometido e dizendo que o amor por ela sobrevirá por toda vida, ainda que este amor tenha que se tornar platônico.

Chorando naquele que parecia o último encontro de suas vidas disse-lhe: "Na hora da minha morte, tenha certeza, sua imagem estará gravada para sempre na retina dos meus olhos."

Só que não foi a última vez, Douglas encontrou-se com Mirna muitas outras vezes.

daquele tempo.

Passava junto aos bororós, tapando ostensivamente o nariz sem medo de represália ou de qualquer tipo de agressão. Tinha sua turminha, três ou quatro amiguinhos, um deles com o estranho apelido de Tedunfo, um anagrama de Defunto, se me lembro, devido à face anêmica, esquelética, o que lhe dava um aspecto sobrenatural. Claudecil gostava dele, pois Tedunfo era fiel, servil, muitas vezes se pondo como anteparo para as bordoadas que lhe eram dirigidas.

Certa vez o Tedunfo foi para o Buracão, mas essa foi uma história complicada, da qual Claudecil se eximiu completamente. Tudo começou com a falação sobre as horas extras de Latim, que o professor Lino ministrava ao Claudecil e somente anos mais tarde, quando deparei com uma entrevista em que ele falava do cheiro da brilhantina que o marcou para o resto da vida, é que decifrei o óbvio que meus olhos não perceberam antes. Claudecil dizia ao repórter que o cheiro da brilhantina o marcara com o cheiro do pecado e à pergunta se ainda o marcava, respondeu simplesmente que, para ele, nada mais era pecado.

Tedunfo queria também frequentar as pretensas aulas de Latim do professor Lino, mas o mestre romano o expulsou de seu território que era demarcado pela intimidade com Claudecil. Desancou-o com os piores palavrões, chamando-o de modelo de capeta, filhote de Frankenstein e muitos outros apelidos comuns da época.

Não sei se por vingança às ofensas, ou simplesmente por ciúme do companheiro, Tedunfo perdeu a cabeça e num impulso lançou-se sobre o latinista, pondo-o a nocaute, esparramado sobre o chão do pátio com um fio de sangue a escorrer dos lábios partidos pelo murro. Não se falou de outra coisa durante o dia todo e nunca, na história do Internato do Bosque, se viu um cortejo tão

grande acompanhando o agressor em silêncio de respeito até o Buracão.

Padre Antunes tinha ordenado ao Barnarde e outros bedéis, que desfizessem aquela procissão, mas nem eles tiveram coragem para tomar a iniciativa de ordem à turba silenciosa, prestes a explodir. Ficaram à margem, fingindo vigilância, mas penso hoje que um polonês daquele pós-guerra jamais tomaria a defesa de um italiano fascista que, além de tudo, violara as regras do internato até, quem sabe, sob a conivência do padre diretor.

Parecia mesmo um cortejo fúnebre, até que Tedunfo, em lágrimas e sem olhar para trás, começou a descer vagarosamente a escada para o Buracão. Se a memória não me falha, Claudecil permaneceu à margem, distante da turba, rabiscando seus desenhos no chão do pátio. Durante bom tempo ficamos paralisados, até que o sino ressoasse, nos chamando para a sala de estudos. Sinto que a vida é feita de retalhos que se juntam, formando um fato, um acontecimento, que sempre se repetem com roupagem nova. Quando deixei o Internato do Bosque, saindo pela última vez pelo portão principal, virei-me para dar adeus aos muros altos que ocultaram tantas coisas durante quatro anos em que convivemos com as composições de Ketelbey, dia após dia, junto ao rancor contínuo dos professores, às enfadonhas pregações do padre Antunes e tantas outras coisas que eu poderia citar, dando a impressão de que estivemos sempre presos a situações de mágoa e frustração. Mas não posso negar o reverso disso tudo, que o Internato foi um microcosmo em que tudo se passava como se passa hoje neste lugar de isolamento em que me encontro. Não que eu me sinta jogado neste lugar, esquecido ou descartado do mundo, mas há vezes em que tenho certeza de continuar sendo um nada em meio ao turbilhão de gritos e ao cheiro de fezes que invade o corredor,

dos pilantras. Não seria diferente comigo, pois ao sair do castigo eu já sabia que eles estariam à minha espera, eu era bonzinho demais para que perdessem a ocasião do deboche. Mas qual não foi minha surpresa ao atingir o topo da escada que dava para o pátio, pois ao invés do deboche eles me aplaudiam como se eu fosse um deles, desde que me decidi a uma transgressão até então inimaginável. Senti-me um herói quando exaltaram minha fuga, mas aquela sensação boa não tardou mais que alguns dias para desaparecer. Voltei, então, à minha condição de nada, anônimo, invisível, tão desimportante quanto meus amigos de reza e de estudos. de seu apelido, pois os dejetos do Roney, como toda a porcarias de alunos, mestres e bedéis, desciam por uma tubulação de manilhas avermelhadas até serem despejados em um descampado próximo, escorrendo pela vegetação rasteira e inundando o local de um fedor insuportável. Trombone cheira -bosta, mesmo assim, não arredava pé de seus domínios, e porque tinha os seus queridinhos de estimação, a eles apontava os insuportáveis, que riam de sua desdita e abanavam o nariz às escondidas, espantando um cheiro imaginário. Circundando um pátio gramado, andávamos por um caminho em L, coberto, em um vaivém contínuo de idas e vindas, comentando notícias de futebol vistas em jornais que líamos às escondidas, cruzando com alguns professores circunspectos, com suas mãos sempre cruzadas para trás, sérios, como se pensassem o mundo visto por meio daquele pequeno universo. Não me parece diferente do que vivo aqui hoje, em meio aos velhos companheiros nesta Casa de Repouso. Sou de nenhuma importância como qualquer um deles, exceto àquele que cometeu um último ato de transgressão, comentado durante algumas semanas. Não se falava em outra coisa, lembran-

do o sangue esparramado no chão da cozinha, mas mesmo assim acabou caindo no esquecimento, pois meus companheiros de casa já apresentavam sinais de memória quebrada pela ferrugem do cérebro, que remédio algum era capaz de limpar. Por isso mesmo me encontro aqui transcrevendo, antes que minha cabeça entre em parafuso, pois se alguma coisa ainda me resta é a capacidade de pensar sobre o que rememoro por meio das lembranças e das notícias que vejo no jornal diário ao qual, tenho acesso. As lembranças de meus anos passados no Internato do Bosque foram reavivadas por uma notícia de jornal, que dava conta da morte de um companheiro de ginásio, depois de sua ascensão política em Brasília. Lembro-me dele desde nosso primeiro ano de convivência, pois era impossível passar despercebida sua figura muitas vezes caricata aos nossos olhos adolescentes, em uma época marcada por nossos pecados contra os preceitos da igreja. Claudecil, lembro-me dele afinal, agora que se passaram décadas e até mudamos de século, se encontrava tão à frente do tempo, que fosse capaz de desafios que admirávamos e abominávamos ao mesmo tempo? Tinha trejeitos estranhos, um gesto coquete ao jogar as madeixas de seus cabelos para trás e vestia, após o banho, um pijama sedoso, macio, que rescendia a um cheiro de lavanda, para nós um cheiro de pecado. Passava as aulas rabiscando folhas e folhas rosadas, deixando nelas a marca do grande estilista que depois se tornaria desenhando roupas femininas, o que para nós representava o cúmulo do mariquinha que víamos nele, não o artista badalado que o tempo se encarregaria de comprovar. Hoje me pergunto a que classe ele pertencia, pois não era xucro nem pilantra, muito menos capaz de se enquadrar na turma dos bonzinhos, como eu e tantos outros carolas

Sonho de consumo das pulgas é comprar um cão

Waldner Lui



O que a coluna social representa para a sociedade nos dias de hoje? Desde seu advento, a coluna social é importante por refletir os valores, hábitos, usos e tradições de um núcleo social em determinada época. Nos antigamente, esses registros eram feitos através da comédia de costumes que permite uma análise dos comportamentos humanos num contexto social, escritas por autores consagrados como Molière, William Shakespeare, para citar apenas alguns. No Brasil, o principal representante e pioneiro do gênero, que é considerado o criador da comédia de costumes, foi Martins Pena que caracterizou com bom humor as aventuras e desventuras da sociedade brasileira.

Considerado o consolidador do gênero introduzido por Martins Pena, Artur Azevedo, no final da Monarquia, foi também um autor muito popular. A coluna social não se ocupa de amores ilícitos, como era frequente nessas comédias, para dar o tom picante, mas critica a violação de certas normas de conduta ao proporcionar uma análise dos comportamentos humanos e dos costumes num determinado contexto social, a partir dos códigos existentes.

Não apenas nas cidades do interior, mas nas capitais, uma coluna social angaria respeito, em sua missão evangelizadora, se por hábito não se ocupar de gente que teve chocalho de ouro no berço, mas de gente que usou a mamadeira do talento, isto é, gente que conseguiu se destacar ao potencializar sua inclinação natural para determinada atividade. É um afetuoso retrato de uma época à qual os historiadores recorrem na hora de registrar uma determinada situação e por isso, torna-se leitura obrigatória para quem se interessa em saber algo mais sobre o espelho da notícia, porque reflete a prodigiosa variedade de informações que emanam de uma sociedade e se destinam a um determinado grupo social.

Vivemos um período que denomino de esquizofrenia social.

Cada vez mais somos obrigados a nos sentir envergonhados por ter lido um livro, feito uma viagem, conhecido pessoas interessantes, saber detalhes de um determinado país ou de uma língua estrangeira, ter admirado uma obra de arte, etc. E até hoje, muita gente tem pruridos para admitir que lê regularmente uma coluna social. A Rebelião das Massas observada pelo espanhol Ortega y Gasset lamentavelmente é constatada a cada dia.

Quem lê uma coluna precisa ser sensato o suficiente para ter a certeza de que o jornalista pretendeu imprimir um perfil característico ao seu texto. A coluna é múltipla, equaciona resultados surpreendentes e confirma, a cada ano, que tem gente sempre disponível para a sua leitura, sem que para isso sejam classificadas como fúteis, porque é um retrato da sociedade, alia variados assuntos que interessam a pessoas com determinado perfil que o colunista, normalmente, sabe como mantê-los fiéis.

Hoje, o colunista não faz literatura, mas atua sobre fatos caldeando as informações chamadas de algibeira com os fatos já noticiados, dando assim um interesse e uma contribuição pessoal à notícia e tornando compulsória sua leitura.

Porque presume-se, e espera-se, que o titular da coluna tenha informações privilegiadas sobre o leque de faits divers das várias caçambas sociais e tenta seduzir o leitor e fazê-lo absorver como esponjas cada preciosa informação, semeando notícias e contagiando o leitor nos setores da política, economia, finanças, imobiliário, administração pública, saúde, e no final de uma extensa lista, os eventos sociais, hoje relegados a um plano inferior no ranking das preferências do leitor. E sabe por quê? Porque o que antes era feito para mostrar ao leitor o comportamento nas camadas mais elevadas da pirâmide social, como o modo de se vestir, a moda, os acessórios, os tons das roupas, os penteados, os pratos mais incensados dos menus de festas e dos encontros elegantes, a

de seu apelido, pois os dejetos do Roney, como toda a porcária de alunos, mestres e bedéis, desciam por uma tubulação de manilhas avermelhadas até serem despejados em um descampado próximo, escorrendo pela vegetação rasteira e inundando o local de um fedor insuportável. Trombone cheia-bosta, mesmo assim, não arredava pé de seus domínios, e porque tinha os seus queridinhos de estimação, a eles apontava os insuportáveis, que riam de sua desdita e abanavam o nariz às escondidas, espantando um cheiro imaginário.

Circundando um pátio gramado, andávamos por um caminho em L, coberto, em um vaivém contínuo de idas e vindas, comentando notícias de futebol vistas em jornais que líamos às escondidas, cruzando com alguns professores circunspectos, com suas mãos sempre cruzadas para trás, sérios, como se pensassem o mundo visto por meio daquele pequeno universo.

Um dos mais assíduos era o professor Lino, que lecionava o latim e, vez por outra, incursionava pelo pensamento dos filósofos gregos, sem que ainda tivéssemos a mínima noção de seus significados. Certa vez, no entanto, ele nos convidou a imaginar os tais filósofos refletindo sobre o universo e o sentido da vida, enquanto caminhavam em idas e vindas sobre um imenso espaço aberto, como fazíamos em nossas caminhadas, depois das refeições. Era um sujeito atarracado, de estatura mediana, que de manhã nos enjoava com seus sumus, est, sunt e com o cheiro da brilhantina com que engomava seus negros cabelos romanos, “eu sou romano, sou da cidade eterna, não sou do buraco em que vocês vivem”, dizíamos com menosprezo.

Hoje, um velho a que chamam de idoso, sentado junto a essa mesa rústica, cheia de desniveis, enquanto rabisco um pouco de minhas memórias, ouvindo de novo a música de Ketelbey,

acho que pela terceira ou quarta vez, debruço-me sobre as lembranças do internato e penso no que nunca mais deveria pensar. Mas penso. Penso porque o tempo não me parece nunca ser uma linha reta sobre a qual caminharia com minhas certezas, sei que ele circula para o destino de reencontros, batendo de frente, sempre, com o esquecido que na verdade era apenas algo ainda não rememorado.

Aquele Internato do Bosque, à sombra de eucaliptos, tinha as turmas que raramente se misturavam e uma delas era a dos xucros, da qual faziam parte alguns adolescentes índios da tribo dos Bororós, trazidos pelo diretor a cada ano que passava férias no Pantanal mato-grossense. Era difícil para eles a convivência com nossos costumes e não fosse a outra turma, a dos pilantras, que se divertiam com eles e lhes contavam dezenas de piadas pornográficas, viveriam no internato em perpétuo isolamento. Mal riam das piadas pornográficas, porque em sua cultura aquilo não era pornografia, e esta foi a primeira amostra de como jamais nos entenderíamos.

Hoje, sinto remorsos de minha conduta. Eu pertencia a uma terceira turma, a dos bonzinhos, e fui um dos que nunca dirigiram uma única palavra aos bororós. Não era xucro nem pilantra, talvez então eu fosse um nada, uma coisa entre os extremos, e por se situar entre, nunca transparecia com a autenticidade dos outros, acho que um nada que ninguém percebia. Certa vez, querendo apagar o rótulo do nada, acompanhei um pilantra em uma fuga do internato, que me custou uma surra do pai e um castigo no Buracão, que era um corredor estreito, ao pé de uma escada, encimado por algumas vigas de madeira em que se enrolavam trepadeiras para disfarçar a nudez do lugar.

O castigo no Buracão era motivo de deboche e vergonha para o castigado, era uma ocasião propícia para a gozação

O BURACÃO

WILSON DAHER



Ouvíamos Ketelbey com raiva, mesmo que às vezes sentisse certo enlevo pela sua música, ela me transportava a um mundo que, agora, eu sei que não existe, um mundo que eu imaginava andando devagar, meditativo, indiferente ao mundo real por trás de seus muros. Mas no segundo semestre de 1950, no Internato do Bosque, junto aos mais de duzentos adolescentes com quem convivia, odiava Ketelbey com todas as minhas forças, as que ainda restavam após a perda do Mundial de Futebol, em pleno Maracanã. E hoje, onde me encontro, se o destino existe, ele me faz voltar no tempo e odiar de novo sua música ouvida dia após dia, dias pesados que não se movem, que se arrastam com a mesma lentidão do tempo que relembro.

Sei que rezávamos antes das refeições e comíamos a comida insossa e repetitiva, a barulheira da algazarra juvenil competindo com os tambores do “Jardim de um templo chinês” e ouvindo em seguida uma homilia de cinco minutos que o padre Antunes fazia, na pregação dos bons costumes, da temperança e da higiene física aliada à moral e, claro, principalmente à espiritual.

O internato era povoado por uma fauna humana variada, desde os funcionários, a maioria formada por ex-seminaristas que quase chegaram à ordenação, até alguns imigrantes europeus que, aos poucos, íamos descobrindo serem fugitivos da Segunda Guerra Mundial, que encontraram abrigo na benevolência católica do senhor padre

diretor. Era o caos. Ex-seminaristas que nunca chegaram a padre, mas nunca se desgarraram do cheiro do seminário, permaneciam entre o que já não eram e o que não deixavam de ser, viviam alimentados pelo ódio à vida e a consequente projeção de suas raivas sobre os alunos que ainda mal compreendiam o significado da frustração. Os fugitivos da guerra, um polonês que nos vigiava durante o recreio e um professor de inglês vindo dos confins da Alemanha, eram crucificados pela molecada que, ignorante de suas desditas, armava-lhes os mais estúpidos contratemplos que se podia imaginar naquela época.

Barnarde, o polaco de rosto sanguíneo, que nunca abria mão de seu velho chapéu panamá, também nos via com certo desprezo, escolhendo alguns alunos como vítimas preferidas, às quais se referia sempre com desdém em sua fala raivosa, enquanto enxugava o suor do rosto com seu lenço ensopado e maldizia o calor deste país cheio de mosquitos insuportáveis.

Seu território de ação era delimitado por um pequeno espaço que abrigava os bebedouros e os sanitários do pátio. Por ali ele vagava como um fantasma em busca de alunos faltosos, as mãos sempre entrecruzadas nas costas, seu nariz empinado acompanhando o lance dos olhos que não perdiam nada do que acontecia à sua frente. Ganhou um apelido, do qual nunca se livrou e a maldição deste apelido tornava-o ainda mais encolerizado ante nossas peraltices: Trombone cheira-bosta, apelido que nasceu no dia em que um fedelho de nome Roney, logo depois do almoço, emporcalhou uma das latrinas do território de Barnarde, de tal forma que a descarga primitiva, movida por uma fina corrente, não dava conta de eliminar os dejetos que ficaram retidos ali por um bom tempo, para desespero do polaco, que puxava com insistência a corrente, sem qualquer resultado.

Talvez nem fosse apenas este o motivo

celebração gastronômica dos melhores restaurantes, a decoração, as flores da moda, a bebida em voga, os rudimentos de bem-receber, as tendências e até nos vestidos de noiva, hoje são anunciados na velocidade de um raio através das redes sociais com a exuberância dos detalhes que a imagem permite.

Por isso, essa mudança aprofunda a imersão do leitor e depende de quem assina a coluna - se é mais ou menos arguto - para registrar essas variações com um glamour sutil, porém eletrizante. Destaca-se como jornalista quem puder imprimir na notícia a sua contribuição pessoal, sua abalizada opinião.

Uma coluna social para ser respeitada pelo leitor, tem que expressar a arte do implícito com traços vigorosos, seduzir pela argumentação, ser despótica com o mau gosto e mostrar uma estética renovadora com sensibilidade até para tratar os desajustes humanos.

Se possível, motivar novas e estimulantes reflexões e escancarar a essência da alma da informação. Mas o jornalista precisa saber também que pormenores escondidos em doces entrelinhas tornam sempre irresistíveis os cardápios, sem precisar ser um rinoceronte em sutileza. Assim como o sonho de consumo das pulgas é comprar um cão, e dos ninguéns é deixar a pobreza, o dos LPM (Loucos por Mídia) é ser destaque na coluna social. Faz um bem enorme.



BRASÍLIA TRANSLUMBRANTE

Jayme Signorini

A semente

A década de sessenta foi primordial. Nascia Brasília no sertão incrustado com perfil moderno e demais ousado na sua imponência bela e magistral.

Juscelino, o autor intelectual, resolveu de modo muito arrojado fazer da caatinga do planado no rincão goiano, a nossa capital quando ainda menina nos seus albores.

Lúcio Costa e Niemeyer, os executores não imaginavam o projeto audacioso que mais tarde na sua opulência o mundo se curvou em reverência do seu estilo soberbo e pomposo!

O crescimento

O tempo passou e se fez presente com muitas histórias pra contar o progresso rápido veio a calhar e o fluxo demográfico foi eminente.

Para lá se mudou muita gente buscando o eldorado de modo ímpar e o desejo frenético à brilhar na querida terra refulgente e núcleos como Taguatinga, Gama, Ceilândia e outras ganharam fama de norte a sul, intensa correria a cidade cresce a olhos vistos e os que ali chegam são benquistos e ela os atrai e acolhe com simpatia!

malmente, uma vez ao mês, na sede, sala instalada no 1º andar do Centro Cultural Daud Jorge Simão. Não tomamos chá às 17 horas, como ingleses nem como os notáveis da Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, fundada por iniciativa de homens cultos e tendo por primeiro presidente Machado de Assis, de incalculável valor literário e bem lembrado pelo acadêmico Lamartine de Andrade Lima, nosso correspondente em Salvador (BA), em artigo às páginas 22 a 25 de Kapiiuara 3. Tomamos cafezinho feito na hora em copinhos descartáveis, sempre acompanhado de petiscos trazidos por alguém. E conversamos muito.

Parcerias importantes foram firmadas, favorecendo atividades de anos passados e a criação atual de extenso cronograma, já a meio caminho. A Secretaria Municipal de Cultura, o Riopreto Shopping, a Diretoria Regional de Ensino, a Galeria Norma Villar, o Shopping Iguaçu, o Ibilce/Unesp, a ACT – Academia de Ciência e Tecnologia sempre nos apoiaram nos projetos apresentados.

Sonhos

Sempre lembrados (como necessários de ser realizados) nas reuniões pelo acadêmico Alfredo Coelho Leme de Carvalho – finalmente se realizaram com a criação da revista Kapiiuara, de lançamento semestral, veículo que permite aos acadêmicos (e alguns convidados para prosa e verso) a expressão literária e visual. Pouco a pouco, a revista começa a se firmar, qual criança a iniciar sua aventura de caminhar por si só. Com este número 4 oficialmente comemoramos os dez anos de fundação.

Parabéns aos idealizadores da entidade pelo projeto cultural que há de se fortalecer cada vez mais. Parabéns a todos os membros que a fazem grande, com cada contribuição pessoal, pois que a união realmente faz a força. Com alegria, entrego ao leitor mais uma realização desse grupo de pessoas idealistas e de alto valor, esperando que ao apagar as dez velas do bolo de aniversário da ARLEC muitas mais luzes se acendam para clarear mentes, iluminar caminhos, estimular almas e ajudar a escrever a vida cultural de nossa Rio Preto. ■



Em julho de 2008, fui convidada pelo amigo Antônio Carlos Del Nero para a primeira reunião da qual sairia fundada a ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Por motivo de viagem, não atendi ao convite e, por esta razão, não pude fazer do grupo fundador da entidade. Tive entretanto o prazer e a honra de ser indicada e aceita como acadêmica logo em seguida.

Dos primeiros tempos, guardo agradável lembrança dos passos iniciais, cursos interessantíssimos ministrados por acadêmicos de alto gabarito como Salvatore d'Onofrio e Romildo Sant'Anna graças a uma parceria, à época, com a Diretoria Cultural do Automóvel Clube desta cidade. Arte e Cultura interessaram muitos participantes que lotavam as dependências destinadas aos cursos. As reuniões eram de fato uma festa de cultura.

Guardo com carinho algumas conversas com acadêmicos distintos por espírito de humildade e realeza como ex-professores meus de faculdade ou novos amigos com cuja amizade a Academia me presenteou.

Os anos começaram a pesar, infelizmente. Com a velhice, chegaram para muitos as doenças que os vitimaram, para nosso imenso desprazer. São amigos queridos, de convivência e debates culturais de elevado teor.

Hoje, analisando o rol destes acadêmicos, podemos citar cada um que nos deixou para fazer parte das reuniões celestiais onde estarão praticando a real imortalidade aqui já conferida. Por ordem de data de falecimento, citamos:

José Luís Casagrande , em 2/2/2009
Roberto Farath, em 21/5/2009
Edson Vicente Baffi, em 23/2/ 2011
Alejandro Caballero, em 10/8/2011
Guillermo de la Cruz Coronado, em 9/12/2012
Nivaldo Paschoal Carrazone, 15/8/2012

Ferdinando Giovinazzo, em 13/1/2014
Antonio do Nascimento Portela, em 23/2/2014

Carlos Daghljan, em 16/9/2016
Alfredo de Leme Coelho Carvalho, em 7/5/2107

Antônio Carlos Del Nero, em 26/12/2017 e

Adib Abdo Muanis, em 24 de maio de 2018.

As cadeiras deixadas em aberto por estes ilustres acadêmicos deverão ser preenchidas em breve tempo para que o grupo volte a ter mais cabeças pensantes e atuantes em benefício da comunidade. Suas passagens, porém, pela ARLEC jamais serão esquecidas posto que perdas lastimáveis para a cultura local, estes acadêmicos muito contribuíram para que a entidade se firmasse no cenário desta cidade que adotou muitos de nós, hoje considerados rio-pretenses.

É meu caso. Nascida na pequena Pindorama, não muito distante deste polo regional que é São José do Rio Preto, fui acolhida com carinho, benevolência e confiança pela cidade e pelos amigos acadêmicos que me levaram ao cargo de presidente, que ora ocupo.

Neste ano de 2018, a ARLEC completa dez anos de existência. Como digo sempre, quem faz aniversário deve dar a festa. No caso da Academia, a festa cultural foi distribuída por todo o ano, recheando mês a mês com atividades diversas: palestras, cursos, publicações em periódicos diversos, concertos, lançamentos mensais de livros, exposições de Arte, premiações, participação de acadêmicos em muitas atividades como jurados de concurso realizados por entidades irmãs.

Todas estas oportunidades nos aproximaram de tal modo que nos sentimos em família quando nos reunimos for-

Desenvolvimento interior

Nós tínhamos muita consciência que a mudança se fazia necessário para Brasília era prioritário.

Concretizando a sua existência, sair do litoral se fez premência e o interior do Brasil, o relicário dessa joia que hoje é o berçário dos brasileiros da boa querência.

O progresso foi além da fronteira desta nação rica e altaneira mostrando a força da sua pujança abrigando a capital administrativa da nossa República Federativa e que temos orgulho pela lembrança!

Na Plenitude

O seu traçado prático e funcional com formato e asas de um condor jamais atreveríamos a supor um voo mais alto pelo sideral.

Mística pela beleza escultural nos seduz e nos envolve com ardor desde o nascer do sol e a se pôr e as noites cintilantes com seu astral agora bem adulta se tornou mulher.

Enraizada pelo desejo do bem-me-quer é áurea límpida no firmamento quanto mais a vemos, mais a amamos pela distância que nos separa, ufanamos de ser tu, Brasília!
Um monumento!





10 ANOS DE ARLEC

Arte e Cultura interessaram muitos participantes que lotavam as dependências do Automóvel Clube, destinadas aos cursos. As reuniões eram uma festa de cultura.

Rosalie Gallo y Sanches

